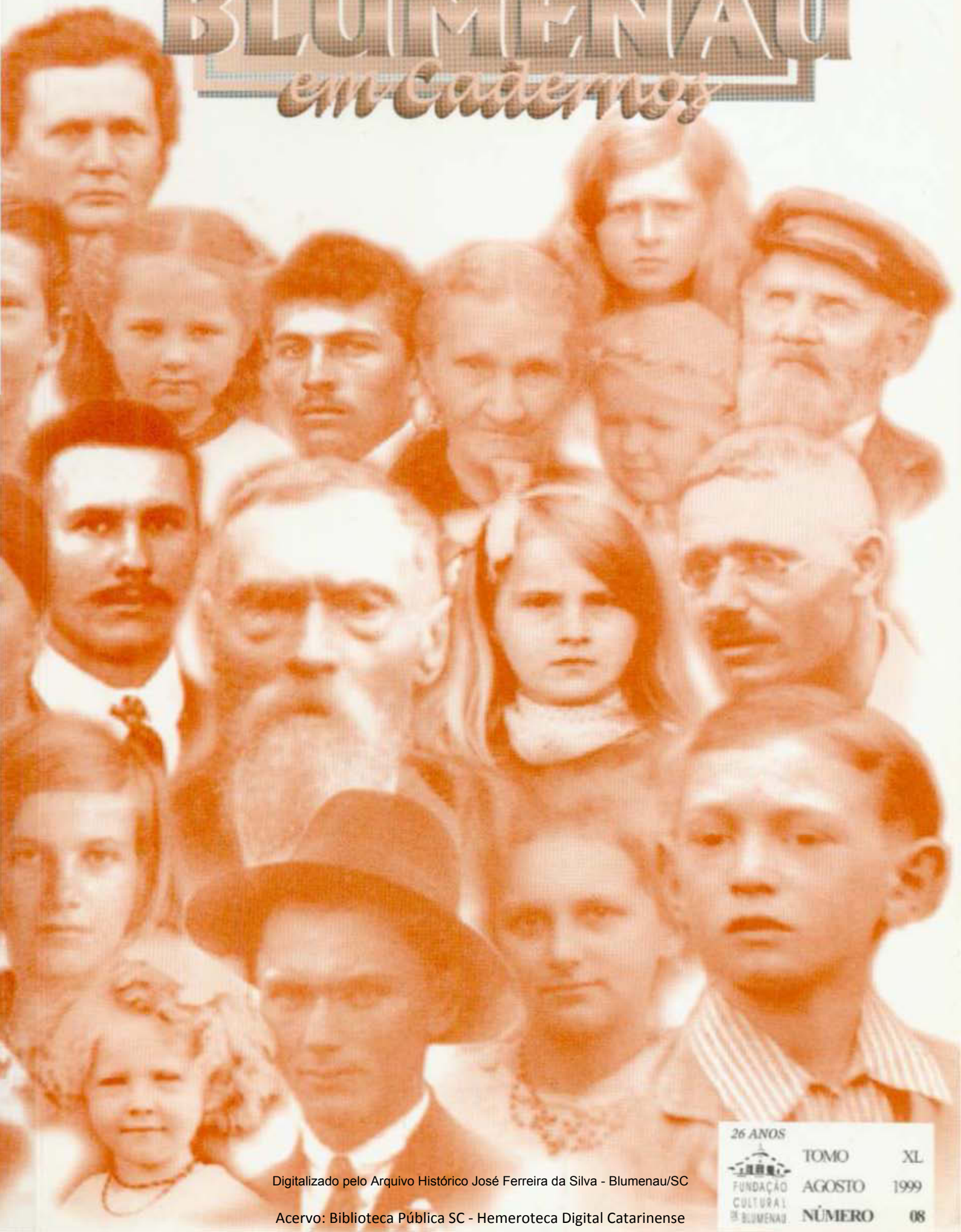


BLUMENAU

em Cadernos



BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Rostos de imigrantes e descendentes, não-identificados,
reproduzidos de negativos em vidro, encontrados em um sótão
de antiga residência de Blumenau

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

O desaparecimento do idioma alemão entre os alemães no Brasil <i>Georg Knoll</i>	07
A Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajahy: organização e resistência nos anos 20 <i>José Bento Rosa da Silva</i>	14
Colônia-Mãe da imigração alemã em Santa Catarina <i>Frei Elzeário Schmitt</i>	22
Histórias da minha avó – II <i>Urda Alice Klueger</i>	26
Carta do Dr. Blumenau ao Presidente da Província em 1872 <i>Hermann Bruno Otto Blumenau</i>	28
O fantasma da “Barra Morta” – Segunda parte <i>José Deeke</i>	30
Por isto ou por aquilo ... – Esquecidos! <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	54
O Vale do Iguaçu <i>Enéas Athanázio</i>	60

O desapareci- mento do idioma alemão entre os alemães no Brasil

Texto:

*GEORG KNOLL**

O texto que publicamos nesta edição foi extraído do “Blumenauer Zeitung” de 09 de maio de 1896.

Nossa intenção ao selecioná-lo foi trazer ao leitor um recorte das preocupações que circulavam entre alguns intelectuais da época como foi o caso de Georg Knoll.

O autor exerceu a profissão de jornalista e escritor. Publicou várias obras pela editora Rottermund, de São Leopoldo (RS). Escreveu poesias e artigos para os “Kalender”. Na condição de escritor teuto-brasileiro, sua produção estava voltada para a manutenção da cultura alemã, numa época de expansão do “pan-germanismo” mundial.

Achava imperdoável o desinteresse do governo alemão na preservação da cultura alemã, que vinha ocorrendo nas áreas de colonização européia, ficando as famílias alemãs locais como principais responsáveis pela manutenção da língua alemã no Brasil.



Descendentes de Imigrantes

Das Schwinden der deutschen Sprache unter den Deutschen in Brasilien

(Um Nachdruck wird gebeten)

Schon vor 10 Jahren brachten deutsch-brasilianische Blätter Bemerkungen über das allmälige Schwinden der deutschen Sprache unter den Deutschen in Brasilien.

Damals machte sich dieser Prozeß nur in wenigen Fällen bemerkbar, seit den letzten drei Jahren aber greift die Verwelschung unserer Nachkommen in erschreckender Weise um sich und wird nicht Abhilfe geschaffen, haben wir in zwanzig Jahren keinen Deutschbrasilianer mehr, der die deutsche Sprache spricht.

Als wir vor Jahren in der "Deutschen Kolonialzeitung" und in der "Deutschen Weltpost" in Berlin auf diese Vorgänge aufmerksam machten, ignorierte man vornehm alle gemachten Vorschläge und nun ist die Verwelschung schon so weit vorgeschritten, daß es nur mit den größten Anstrengungen gelingen mag dieselbe zum Stehen zu bringen.

Uns kann, wenn man nicht anders will, diese Verwelschung schließlich nur nützlich sein, denn was sollen wir ewig den Perpendickel in der verrosteten Freundschaftsuhr des deutschen Reiches mit den deutschbrasilianischen Bürgern vorstellen.

Es ist ganz gut wenn die dreihunderttausend Deutschbrasilianer verwelschen, sodaß nicht einer mehr deutsch redet, damit die da drüben einmal recht mit der Nase auf eine Tatsache gestoßen werden. Sie können sich hernach unter den Hottentotten und Ostafrikanern ein neues deutsches Schutzgebiet schaffen.

Die Millionen der Ausfuhr von Deutschland nach Südbrasilien werden dann auch sich verringern und vielleicht werden sie sich, wenn erst die Taschen dieser Menschen in Mitleidenschaft gezogen werden, ihrer Unterlassungssünden bewußt und dann heißt es wie immer: "Zu spät!"

Wir haben das Menschenmöglichste geleistet, um die deutsche Sprache zu erhalten; unsere Zeitungen, unsere Geistlichen, unsere Lehrer haben das Beste getan, sie kann keine Schuld treffen. Doch lassen wir uns darüber keine grauen Haare wachsen, so lange wir leben, werden wir noch die deutsche Sprache sprechen und hernach, nun das wird uns weiter nicht kümmern.

Wir haben nur Eins zu erwähnen, ein Reich, das so wenig darauf bedacht ist, seine Rasse zu erhalten und zu befestigen, muß und möge es noch so

O desaparecimento do idioma alemão entre os alemães no Brasil

(A pedido)

“Os semanários teuto-brasileiros há dez anos já alertavam sobre o desaparecimento gradativo da língua alemã entre os alemães no Brasil.

Naquela época isso acontecia esporadicamente, mas de três anos para cá, o abasileiramento tem aumentado de maneira assustadora entre nossos descendentes e, daqui a vinte anos, nenhum teuto-brasileiro falará mais o idioma alemão caso não sejam tomadas as devidas providências.

Quando há anos alertamos os jornais “*Deutsche Kolonialzeitung*” e “*Deutsche Welpost*” de Berlim sobre essa situação, todas as propostas foram elegantemente ignoradas, mas agora o abasileiramento progrediu muito e será necessário um grande empenho para conter esse processo.

Como ninguém demonstra interesse em impedir o abasileiramento, acredito que isto poderá ser útil, afinal, por que manter eternamente um relacionamento inútil e não compensatório com o Império Alemão?

Seria muito bom que os trezentos mil teuto-brasileiros se integrassem definitivamente à cultura brasileira e nenhum deles falasse mais a língua alemã, para que finalmente o Império Alemão se desse conta do fato. Depois disso poderão construir uma nova área de colonização alemã entre os hotentotes¹ ou africanos orientais.

A emigração de milhões de alemães para o sul do Brasil diminuirá, mas quando sentirem que os bolsos destas pessoas estão esvaziando, talvez percebam o quanto foram omissos e digam: “tarde demais”.

Nós fizemos o possível e o impossível para manter a língua alemã e todos se empenharam nesta causa: nossos jornais, nossos religiosos, nossos professores e a eles não cabe culpa alguma. E é por isto que não vamos mais nos aborrecer, pois enquanto vivermos, falaremos o alemão e o que vier depois não será mais problema nosso.

¹ N. T.: Hotentote – habitante da Hotentótia, região da África.

mächtig und groß sein, mit der Zeit verfallen und verschwinden. So stark die Lebensfähigkeit auch sein mag, seine Kräfte müssen sich zersplittern.

Großes, mächtiges deutsches Reich, trotz deiner glänzenden Geschichte, trotz deiner strotzenden Kraft und Stärke, eine kleine Ader steht dir offen und aus ihr tropfen langsam aber stetig deine besten Säfte, die einem anderen Staatskörper dienlich werden. Trotz aller deiner Macht und Größe wirst du, wenn du nicht Gegenmaßregeln ergreifst, Jahrtausende nicht überdauern, dann wirst du verfallen, wie das Laub im Walde, nur deine Spuren wird man finden, wie die der Römer dereinst in fernen Tagen, nämlich als Völkerdünger.

Bemerkungen der Redaktion.

Wenn wir dem Wunsche des Herrn Verfassers, vorstehenden Zeilen einen Platz in unserem Blatte zu geben, nachkommen, so können wir uns seinen Ansichten und Befürchtungen doch nicht anschließen, da wir von der Ueberzeugung durchdrungen sind, daß er zu schwarz sieht, was allerdings erklärlich ist, wenn man weiß, daß der Autor obiger Zeilen einen solch weit hinausgerückten Vorposten einnimmt, wo schwache Charaktere ihrer Nationalität verloren und in der dort dominierenden aufgehen. Solch tapfere Pioniere, die alle Klippen überwinden und ihr Nationalgefühl allen Gefahren zum Trotz sich zu erhalten wissen, sind zwar selten, aber um so größere Anerkennung verdient der Kampf, den sie führen, um nicht nur sich selbst dem Deutschtum zu erhalten, sondern auch ihre Nebenmenschen vor dem Untergange zu bewahren bemüht sind. Zu diesen seltenen Pionieren gehört der Verfasser des obigen Artikels.

Viel geringer aber erscheint demjenigen die befürchtete Gefahr, der inmitten deutscher Ansiedelungen oder dort wohnt, wo der Deutsche nicht vereinzelt lebt; da sind es neben der Presse, den Schullehrern und den Geistlichen vor allem die deutschen Vereine, welche dem Untergange der Muttersprache in jeder Weise vorbeugen, und gerade unter den deutschsprechenden Bewohnern dieses Landes hat sich das Vereinswesen zu einer staunenswerten Höhe aufgeschwungen.

Apenas queremos mencionar que um Império, mesmo sendo grande e poderoso, caso não se importe em conservar e fortalecer sua raça, está fadado a decair e desaparecer pois, por mais vigor que tenha, com certeza sua força será rompida.

Poderoso e glorioso Império Alemão, apesar de tua brilhante história e teu poder, sangras lenta e continuamente e assim estás perdendo o que tens de melhor, os teus filhos, que servirão a outras nações. Apesar de teu poder, se não tomares medidas enérgicas, não sobreviverás aos milênios, desaparecerás como as folhas da floresta e só os teus vestígios irão testemunhar a tua glória, servindo de “adubo cultural” para o desenvolvimento de outras culturas, da mesma forma que outrora sucedeu aos romanos.”

Nota da Redação. Se concedemos o espaço desejado pelo autor deste artigo em nosso jornal, isso não significa que compartilhemos do mesmo ponto de vista e alimentemos o mesmo receio. Estamos convencidos de que seu enfoque é muito pessimista, mas até podemos entender, porque sabemos que o autor se encontra numa região isolada, onde existem pessoas de caráter fraco, que se integraram facilmente ao novo meio, perdendo sua identidade. São raros os corajosos pioneiros que, apesar de correrem perigo, enfrentam os obstáculos para manter o sentimento pátrio, e é por isso que sua luta merece todo respeito, pois não desejam manter a identidade alemã apenas para si, mas também para seus contemporâneos. E o autor do artigo acima mencionado é um desses raros pioneiros.

Este problema praticamente não existe para quem está em meio a uma colônia alemã e não vive isolado, pois além da imprensa existem os professores, os religiosos e sobretudo as sociedades alemãs, as quais previnem de todas as formas o desaparecimento da língua materna, pois é justamente dentre esses habitantes que falam alemão, que a vida em sociedade teve um desenvolvimento extraordinário.

Em relação ao futuro, somos mais confiantes do que o autor, pois não nos preocupamos com o desaparecimento da cultura alemã, mesmo que esta tenha sido negligenciada pela pátria mãe, a qual não deu a devida atenção aos filhos que emigraram pois, com exceção do apoio pessoal do Imperador Wilhelm para algumas escolas particulares no Brasil, absolutamente nada foi feito para a conservação do sentimento

Wir blicken also getroster in die Zukunft, als der Verfasser und sind nicht besorgt um den Untergang des Deutschtums in Brasilien, selbst wenn es auch fürderhin vom Mutterlande so vernachlässigt werden sollte, wie es bisher geschehen, denn abgesehen von den Unterstützungen, die Kaiser Wilhelm aus seiner Privatschatulle einigen deutschen Schulen in Brasilien gewährt, hat man in Deutschland für die hierher ausgewanderten Söhne nicht nur nichts getan, sondern denselben die Erhaltung ihres Nationalgefühls insofern erschwert, als man die Zufuhr frischer Elemente fast zur Unmöglichkeit machte. Der deutschen Sprache droht also, unserer Ansicht nach, keine Gefahr, im Gegenteil müssen wir bekennen, daß wir Deutschbrasilianer uns viel zu wenig dem Studium der Landessprache widmen, daher im politischen wie sozialen Leben nicht die Stelle einnehmen, die aus unserer Zahl, unserer Intelligenz, unserer Arbeitstraft nach zukäme; deutschsprechende Richter kennen wir in Brasilien kaum, deutschbrasilianische Rechtsanwälte, Aerzte sind nur ausnahmsweise anzutreffen. Mit der Zeit allerdings wird auch in dieser Beziehung eine Besserung eintreten, ohne daß darunter die deutsche Sprache zu leiden hat.

Wenn nicht alle Anzeichen trügen, steht auch in der Vernachlässigung der nach Brasilien ausgewanderten Deutschen ein Wandel zum Besseren bevor; als ein solches Symptom dürfen wir wohl den Besuch betrachten, den vor Monaten der deutsche Gesandte Dr. Krauel einem Teil der deutschen Ansiedelungen abgestattet; ein fernerer Beweis dafür, daß man in Deutschland jetzt mehr Interesse für uns zu gewinnen beginnt, liegt in der, allerdings etwas spät eingetretenen Einsicht, in den Deutschbrasilianern einen kaufkräftigen Konsumenten zu besitzen, den andere Nationen sich zu erwerben bestrebt sind, sodaß von deutscher Seite in letzter Zeit größere Anstrengungen gemacht wurden, diesen Konsumenten sich nicht entreißen zu lassen; man ist bestrebt, sich nach unseren Bedürfnissen zu erkundigen, Hamburger Exportfirmen entsenden bereits ihre Reisenden hierher, um Handelsbeziehungen anzuknüpfen usw. Wenn ja auch allerdings hier das materielle Interesse im Vordergrund steht, so ist es doch kaum eine Frage, daß infolge des regeren wechselseitigen Verkehrs auch auf ideellem Gebiete ein Umschwung eintreten muß, welcher seine wohltätigen Wirkungen nicht verfehlen wird.

nacionalista que, ao contrário, vem sendo até dificultado, devido à parcial inviabilização da vinda de novos elementos. Em nossa concepção, achamos que a língua alemã não corre o risco de desaparecer e devemos admitir que nós, teuto-brasileiros, não nos dedicamos ao aprendizado da língua portuguesa. Por isso, pelo número expressivo que somos e devido à inteligência e mão-de-obra que representamos, não assumimos o devido lugar a que teríamos direito na política e na sociedade. No Brasil praticamente não existem juizes, nem advogados que falam o alemão e apenas alguns entre os médicos mas, com o passar do tempo, essa situação tende a melhorar, sem prejuízos para a língua alemã.

Se todos os prognósticos estiverem certos, haverá uma melhora, por parte da Alemanha, no que diz respeito à displicência dispensada aos alemães aqui no Brasil. A visita do embaixador alemão Dr. Krauel a algumas colônias alemãs pode ser interpretada como um sinal de que a Alemanha esteja se interessando mais, embora um pouco tardiamente, em considerar o teuto-brasileiro como um consumidor em potencial, que outras nações estão querendo conquistar. É por esse motivo que ultimamente vêm procurando se informar a respeito de nossas necessidades e, por isso, as firmas de exportação de Hamburgo estão enviando seus representantes para dar início às relações comerciais. Mesmo que o interesse material esteja em primeiro plano, acredita-se que haverá um intercâmbio mais intenso, o qual também resultará em mudanças no plano das idéias e cujo efeito será benéfico.

A Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajahy: organização e resistência nos anos 20.

Texto:

*JOSÉ BENTO
ROSA DA SILVA**



O ano de 1922 trouxe para o operariado de Itajaí, uma nova organização: A Sociedade Beneficente dos Estivadores, que mais tarde viria a ser o Sindicato dos Estivadores de Itajaí. Na verdade, foi um desdobramento da então Sociedade Beneficente XV de Novembro, que vinha assistindo todas as categorias de trabalhadores do porto de Itajaí desde de 1906.

Este desdobramento, segundo o estivador aposentado Jorge Ludovino D'Ávila, não representou necessariamente um "racha", mas que, por questões específicas se fez necessário:

"(...) Não houve racha. A Sociedade Beneficente dos Estivadores era para trabalhadores de bordo, já a XV de Novembro era para trabalhadores de terra. Os nomes da época eram 'Estiva' e 'Resistência', hoje Terrestre ou Docas(1).

Os depoimentos obtidos apontam para a seguinte questão: a XV de Novembro não conseguia, no início da década de vinte, responder aos anseios de todos os trabalhadores da faixa portuária, talvez devido à idade do seu maior expoente e líder, Pedro Antônio Fayal. Outro motivo poderia ter sido o constante desrespeito dos armadores para com a organização dos trabalhadores portuários, tais como o fato de contratar trabalhadores não associados à XV de Novembro, como se depreende do jornal "A Gazeta de Itajaí", 16.11.1913.

* Professor no Departamento de História da Universidade do Vale do Itajaí, Mestre em História do Brasil (PUC/SP. 1994), Doutorando em História do Brasil (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco / ingresso 1998), Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Negros de Itajaí SC.

“Um Apelo Aos Srs. Patrões e Feitores:

“Os sócios da Sociedade Beneficente XV de Novembro, de acordo com a diretoria, vêm, perante os Srs. patrões e feitores, suplicar respeitosamente que não aceitem, em seu serviço, trabalhador algum que não faça parte da referida associação. Em se tratando de uma sociedade puramente humanitária como é a XV de Novembro, é de se esperar que os Srs. patrões e feitores não ponham obstáculo em satisfazer um tão justo pedido”.

A fundação de mais uma associação de trabalhadores na faixa portuária pode ter tido vários outros motivos, importa-nos, mais do que as razões da separação entre estivadores e terrestres, as suas organizações, no caso específico, a organização dos estivadores; mesmo assim queremos registrar alguns depoimentos que consideramos relevante para entendermos o surgimento da Sociedade Beneficente dos Estivadores em 1922:

“(…) Ele era muito estimado. Ele ficou presidindo a Sociedade durante muitos anos. Nunca teve ninguém que tirasse ele de lá. Tempos depois eles fizeram uma casa atrás da sede para ele morar, para ele nunca sair de lá. Era na rua Silva. Ele mandava fazer sessão, assembléia e dizia: -‘você faz o que você quiser. Eu estou cansado. Eu não posso mais governar’. Mas os companheiros diziam: Não, não Fayal. És tu que ficas. Faziam assembléia e todos votavam nele”(2)

Aproveitando da fragilidade física do líder, os armadores “pintavam e bordavam”, o que levou à fundação da Sociedade Beneficente dos Estivadores:

“(…) Porque esses trabalhadores avulsos, eles eram trabalhadores que ficavam a mercê da boa vontade, da simpatia dos capatazes das empresas. Então, eles se reuniam na praça da cidade, na Praça Vidal Ramos, chegavam de manhã cedinho e aí ficavam esperando os capatazes das grandes empresas, das casas de Itajaí – Malburg, Konder, Bauer, Asseburg, Liberato... – virem, chamavam: ei você! , Você! , você!...e quem não era simpático, quem... sei lá! Não conseguia entrar, quem reivindicava mais, então, ia ficando à margem. E isso fazia com que o trabalhador ficasse semana e às vezes até meses sem trabalhar, e outros trabalhando todos os dias...”(3)

A senhora Vilna Corrêa Pretti, filha de Joaquim Lopes Corrêa, um dos fundadores da Sociedade dos Estivadores lembrou:

“(...) Porque quando os preferidos foram para trabalhar, o meu pai meteu-se na frente e disse: ‘Ôpa! Hoje não! Hoje são eles! Hoje entra aqui fulano, fulano e fulano; porque nunca tem serviços pra eles!’

“Mais ou menos isso, né! Então os empresários, os armadores chamaram a polícia. Na hora que eles foram prender os trabalhadores, os trabalhadores estenderam a bandeira do Brasil no trapiche e meu pai disse: - ‘Agora quero ver quem pisa em cima da bandeira nacional!’”

“Naquele tempo se respeitava a bandeira nacional. Ficaram ali, até se decidirem. Então levaram todos no camburão e ele não era pra ir. Mas ele disse: ‘ – Não! Eu vou com eles!’

“O senhor Juvenal é quem me disse que ele apanhou lá dentro da cadeia”(4)

A Sociedade Beneficente dos Estivadores tinha entre os seus fundadores, ex-marinheiros que conheceram as organizações internacionais, e que não se conformavam mais com os desmandos e injustiças dos armadores locais(5).

Esta Sociedade tinha como lema o mesmo dos Três Mosqueteiros: “Um por todos e todos por um”, e os primeiros parágrafos do estatutos evidenciavam o seu caráter:

1. A Associação assim constituída tem por fim proteger e defender os seus associados
2. Organizar o trabalho de estiva e outros correlativos ao mesmo, assim como aumento de salário e horas de trabalho;
3. Envidar todos os esforços a fim de resolver amigavelmente os atritos que se derem entre trabalhadores e patrões;
4. Intervir pelos meios ao seu alcance e de acordo com a lei em todas as questões que por ventura se suscitarem por motivos de salários, horas de trabalho e regalias de classe;
5. Comemorar a data da sua fundação e o dia 1º de maio, data universal consagrada ao trabalho”.(6)



Porto de Itajaí – meados do século XX

O parágrafo 5 aponta para a consciência política da entidade, qual seja, reconhecer nos estatutos a luta internacional dos trabalhadores através do primeiro de maio, quando a data ainda era proscrita e as questões operárias tratadas como caso de polícia, como sugeriu o presidente Washington Luiz.

O ano de 1922 foi um ano de grande significado na cultura política do país, coincidentemente no ano que se comemorava o primeiro centenário da independência política do País. Vejamos alguns dos eventos que marcaram este ano: A Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista e a fundação do Partido Comunista Brasileiro.

A estreita relação dos estivadores com o Partido Comunista Brasileiro foi lembrada por Jorge Ludovino D'Ávila, contemporâneo da fundação do mesmo:

“(...) Comunista mesmo, na estiva, na terrestre... discutiam, discutiam... bobagem discutir! Discutiam rumores, política... muitas vezes o estivador era muito político, política internacional então! Meu Deus do céu! Era coisa de louco, sabe! Era coisa que não tirava proveito de nada.

Tagino, Bahiano, Arlindo Bahiano era comunista, o Bernardino Borba, o Joaquim Lopes...(7)”

Por ocasião da Intentona Comunista, na década de trinta, um jornal de Itajaí publicou o nome dos componentes do Partido Comunista de Itajaí, e entre eles estava o líder operário e da diretoria da Sociedade Beneficente dos Estivadores, Joaquim Lopes Corrêa (8).

A sede da Sociedade Beneficente dos Estivadores, semelhantemente à XV de Novembro nas décadas anteriores, era palco também para as festividades e promoções de cunho beneficente, como lembrou alguém que teve participação efetiva em alguns eventos:

“(...) Então, naquele tempo, ali tinha uma casa de madeira que era a Sociedade dos Estivadores. Eles fizeram um palco e a gente fazia apresentações, porque nós éramos pobres, mas fazíamos para ajudar pessoas mais pobres ainda do que nós. Eu era uma que ia lá declamar e tudo(risada). Prestava assistência para a comunidade”(9).

Na seqüência da conversa, aliás, de uma conversa bem humorada naquela tarde de Sexta-feira de março, a senhora Vilna acrescentou:

“A Sociedade dos Estivadores foi de fato beneficente. Talvez naquele tempo eles nem sabiam o que significava a expressão beneficente. Agora é que a gente sabe de fato quantas famílias foram beneficiadas”.

Letícia Bicalho nos lembra que estas sociedades associativas “foram assimiladas pela tentativa de formação de uma cultura de classe, à qual se associava um espaço educacional autônomo com conotações políticas e classistas. É deste ponto de vista que se deve entender a importância das festas promovidas pelas associações, do teatro e das escolas criadas. O programa desta festas incluía palestras, peças de teatro, terminando às vezes, com um baile familiar”(10).

As condições de trabalho na faixa portuária nas primeiras décadas do século vinte lembram o trabalho escravo. Aliás, o trabalho na estiva, a princípio era feito por escravos e ex-escravos, conforme Gitahy, que pesquisou o porto da cidade de Santos(SP). Diz ela: “de fato, os primeiros escravos a serem libertados foram os próprios trabalhadores do porto. Havia em Santos um considerável número de escravos alugados como estivadores, trabalhadores em armazéns e carregadores de café” (11).

Em Itajaí, reservada suas características próprias, a presença de ex-escravos e seus descendentes fez-se notar também na estiva, onde a composição étnica era predominantemente de afro-descendentes, apesar do porto ter sido a porta de entrada dos imigrantes europeus para o Vale do Itajaí. O depoimento abaixo aponta para a composição étnica dos estivadores nos anos vinte:

“(...) Ali era tudo brasileiro, tudo caboclo, né! Caboclo, descendente de português... português mesmo tinha muito, né! Eh! Eu sou né! Sou de origem portuguesa... como parte de mãe, como parte de pai. Vieram lá de Portugal, os bisavôs.

“Essa raça de alemão, italiano; estrangeiro não procurou o trabalho na estiva. Só tinha de polacos que tinha aqui, poloneses que... tinha dois irmãos servidores em Washington, compreende? Vieram pobres, começaram a trabalhar ali de reserva, tá! De reserva... começaram a trabalhar ali de reserva, dois irmãos. Eram polacos, descendentes de polacos, descendentes de poloneses... mas o resto não. Era tudo brasileiro: açoriano, preto e... preto e açoriano mesmo! Descendente... , nordestino tinha muito também , né! Ah! Tinha muito nordestino. Vinha né! Vinha aqui, desembarcavam, casavam por aqui e encaixavam na estiva, né! Já eram conhecidos dos estivadores. Tinha baiano, tinha pernambucano, tinha alagoano, tinha sergipano, tinha tudo. E tinha também português nato de Cabo Verde, o seu Manoel Oliveira; acho que era assim que chamavam ele. Era mais conhecido como Cabo Verde. Preto! Era preto... da Ilha de Cabo Verde. Mas era preto!”...(12)

As condições de trabalho a que estavam submetidos estes “caboclos” foram lembradas por Juvenal Pedro Constâncio Mafra, testemunha ocular da fundação da Sociedade Beneficente dos Estivadores:

“(...) Pegava pranchão dessa altura (faz gestos) , mais ou menos, a gente não podia. Sabe como fazia? A gente botava dois paus assim na água, duas tábuas no convés da lancha, na borda. Botava dois paus e dali nós passava, vinha quatro, seis homens. Quando chegava ali em cima da prancha ele passava um cabo lá na cabeça e outro cabo lá na cabeça e lá em cima a gente ia puxando...

“Aqueles lanchas carregadas de madeira... trabalhava muito à noite, naquela época. Trabalho braçal, com maré baixa, naqueles trapi-

ches alto... ficava lá embaixo, botava de cabeça, aqueles pranchão, empurrando pra cima do trapiche. Então puxava dali pro pátio... Hoje em dia tá muito bom, desce a máquina pro porão, empilhadeira...

“Olha, eu trabalhei tanto! Descarregando navio, pegar saco de erva-mate de sessenta quilos, a gente não tava acostumado... pra duas pessoas carregar o navio e descarregar... no primeiro dia isso aqui (faz gestos) comia tudo...

“Madeira era só o que embarcava. Madeira, só embarcava madeira. Antigamente era só o que embarcava. Eu já tive que pegar madeira aqui que... barbaridade! Sabe! Sair com cinco, seis mil metros... Tudo carregava com a mão. A gente carregava com a mão, eh! Uma altura... muito mais alto do que esse forro aqui(faz gestos) acima do convés. Chegava de taubinha em taubinha, dois tetos, até enchê.”

“Ah! Levava dez, doze, quinze dias, até mês. Dia e noite virando das seis às seis, das seis da noite às seis da manhã.(13)

Eram estes trabalhadores que tiveram que “fazer das tripas coração” no seu dia-a-dia, e muitas vezes não eram reconhecidos pelos patrões, mas quem nem por isso se deixavam explorar. À sua maneira se organizaram e legaram ao operariado brasileiro um dos mais influentes sindicatos. O Sindicato dos Estivadores, que nesta época de neoliberalismo e globalização parece-nos o último dos moicanos, mas que a tradição oral, calcada na memória coletiva teima em deixar acesa, como se nota no depoimento do “Macaquinha”:

“(...) Eu trabalhei com estivador-fundador. Aquilo ali foi uma briga-de-foice pra fazer aquilo ali. O pai do Ivo Castro também era fundador. Peguei a época dele. Ele trabalhava ainda, quando eu entrei. Peguei eles trabalhando ainda; vê só!

“Briga de facão. A polícia meteu o pau neles. Não queriam de jeito nenhum que fizesse o Sindicato (Sociedade). Foi o maior trabalho pra fazer esse sindicato aí. Como é que pode, né!”(14)

Notas:

1. Entrevista com Jorge Ludovino D'Ávila . Entrevista realizada por Edison D'Ávila. In: Memória do Sindicato dos Estivadores de Itajaí. FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS (mimeo), 1995.

2. Entrevista com Maria Leocárdia Pereira, 83 anos, realizada em 18 de nov. de 1992, em Santos(SP), pelo professor Edison D'Ávila. Idem.

3. Entrevista com Edison D'Ávila, 50 anos, neto de estivador e diretor do Arquivo Público de Itajaí, historiador e professor da História do Vale do Itajaí na Univali. Realizada por Roberto Fonseca, em 09 de abril de 1997.

4. Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, 82 anos, realizada por José Bento Rosa da Silva, em 07 de março 97.

5. Segundo Vilna Pretti, seu pai havia sido marinheiro e conheceu nos Estados Unidos da América do Norte as organizações de trabalhadores.

Também Pereira Neto, o Quengo, teria ido na América do Norte durante a Primeira Guerra Mundial e conhecido as organizações sindicais daquele país, conforme Ludovino D'Ávila.

6. Estatuto da Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajahy. In: O Novidades, 05, 05, 1922.

7. Entrevista com Jorge Ludovino D'Ávila, 76 anos, em 26 nov. 1996, 03 de dez. de 1996 e 06 de dez. 1996, por Rogério Lenzi.

8. Jornal O Pharol, Itajaí, 06, 07, 1935.

9. Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, op. Cit.

10. CANÊDO, Letícia Bicalho. A CLASSE OPERÁRIA VAI AO SINDICATO , São Paulo, contexto, 1988.

11. GITAHY, Maria Lúcia Caira. VENTOS DO MAR, S.P., Unesp., 1992. P.33.

12. Entrevista com Jorge Ludovino D'Ávila, op. Cit.

13. Entrevista com Juvenal Pedro Constâncio Mafra, 92 anos, em 25, 02, 1995, realizada por José Bento Rosa da Silva.

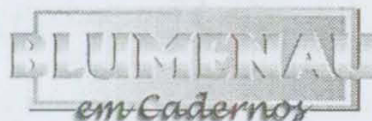
14. Entrevista com João Rodrigues Filho, 62 anos, "Macaqui-nha", em 29, 04, 1997, realizada por Walter Orlando Gonçalves.

Artigos

Colônia Mãe da imigração alemã em Santa Catarina

Texto:

*FREI ELZEÁRIO
SCHMITT **



SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

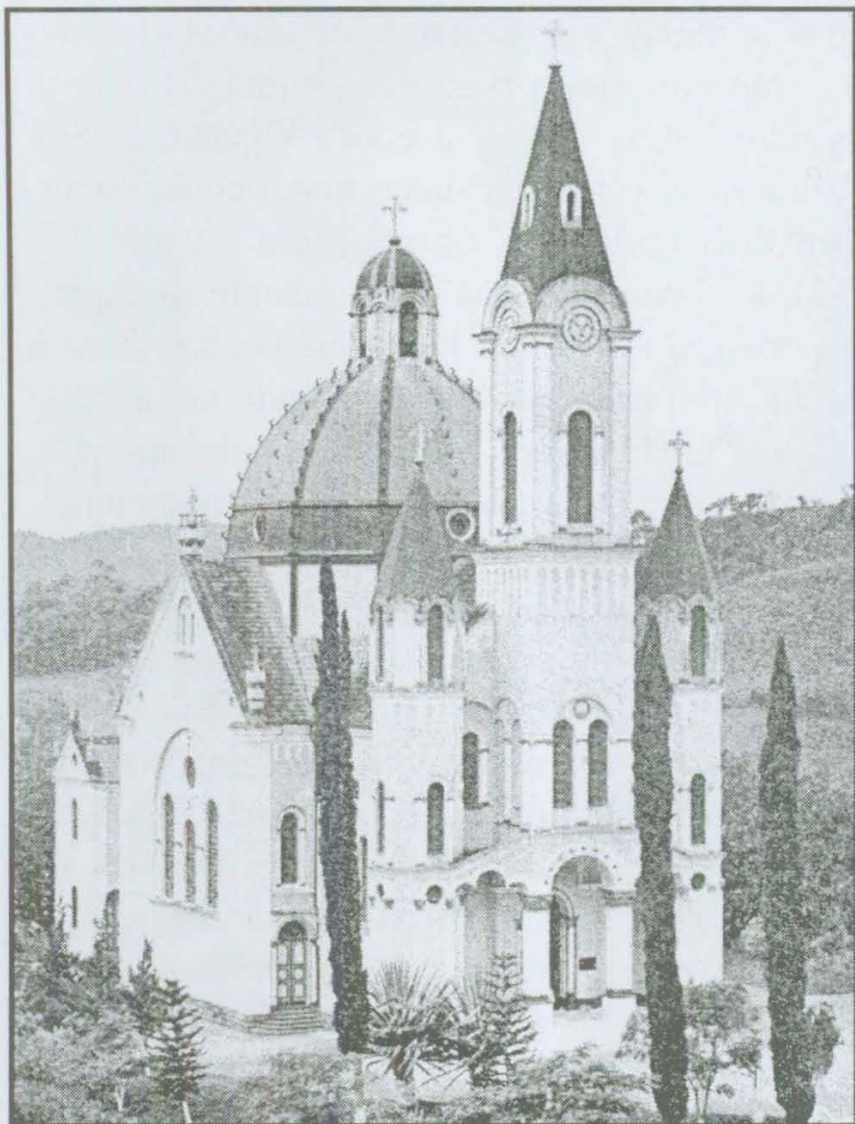
Nem nesta revista, nem nos quatro diários de Santa Catarina têm faltado repetidas referências ao pioneiro núcleo colonial alemão em nosso Estado. Assentado pelo Primeiro Império em geografia desfavorável, precisou desenvolver-se a custo, sob prognósticos não muito positivos, como, desde o começo, sua difícil história veio demonstrar. Na realidade, a Corte que fundou a Colônia cometeu a descortesia de abandoná-la à sua sorte, não cumprindo aos colonos o prometido, embora os Presidentes da Província muito se hajam empenhado em defendê-los. Foi uma história carregada de vicissitudes, às quais resistiram, vencendo-as, umas dezenas de famílias, decididas, e com muita firmeza de fé, a desenvolver, no peito e no braço, um inquebrável amor àquela terra de seus filhos e netos. O meticuloso censo de setembro de 1830, ano e meio depois da chegada dos primeiros (realizado pelo diretor da Colônia, o alemão tenente do 27º Batalhão de Caçadores do Desterro. João Henrique Soechting), arrola todas as famílias ali presentes naquela aurora da Colônia, e que são elas as fundadoras da Colônia Imperial de São Pedro de Alcântara, apesar de certo número delas terem abandonado depois o seu primeiro chão no Brasil. O número de historiadores que já publicaram estudos sobre esta Colônia em livros é bem maior do que ousaríamos esperar.

A pequena, quase pequeníssima, São Pedro de Alcântara, tardiamente elevada a muni-

* Padre franciscano, escritor, historiógrafo e jornalista.

cípio há poucos anos, recebe pelo menos este destaque, se outros não mereça. É verdade que desde a famosa Memória Histórica do padre Joaquim Gomes de Oliveira, o Arcipreste Paiva (1845), à época vigário de São José e de São Pedro de Alcântara, até o longo esboço histórico de Jacintho Antonio de Mattos, engenheiro agrônomo capixaba (em seu livro de 1917 “Colonização do Estado de Santa Catarina”), totalmente indispensável e fundamental, muito pouco, ou nada, se havia publicado sobre a Colônia, até o centenário de sua fundação, em 1929, quando Godofredo Endres publicou o seu elogiável “Gedenkbuch”, hoje esgotado também. Novo intervalo de 50 anos tivemos, quando, ao ensejo do sesquicentenário (1979), o Governo do Estado lançou a monografia “A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina”, extraída do meu livro (esgotado) “A Casa dos Jasmins”(1975). No meio tempo, entretanto, os dois diários da capital e “Blumenau em Cadernos”, esparsamente, vinham trazendo São Pedro de Alcântara à nossa memória, ressalva feita a algum enfoque inexato dos jornais. No entremeio, surgia a obra preciosíssima do saudoso botânico padre Raulino Reitz: “Alto Biguaçu – Narrativa cultural tetrarracial” (1988), com nada menos de 581 páginas e notas de grande valor sobre a nossa Colônia. Mais recentemente, Aderbal João Philippi também trouxe sua contribuição para a história da Colônia, com o livro “São Pedro de Alcântara, a primeira colônia alemã em Santa Catarina” (1995), de 367 páginas, onde 240 páginas trazem levantamentos genealógicos de uma série de famílias, com alguns dados necessitados de revisão.

E agora, o cioso pequeno município, ao evocar os 170 anos dessa imigração (1829-1999), surpreendeu a comunidade histórica de Santa Catarina com grandes festejos, que vêm irradiando não apenas sobre a capital do Estado (onde a Assembléia Legislativa realizou sessão comemorativa de gala), mas despertando nova atenção fora dos limites do Estado, com o lançamento de dois novos livros de uma só vez; notáveis comemorações (a partir de 1º de março), uma exposição, com projetos para um museu e planos para o desenvolvimento de um ecoturismo com chances de “pegar”: a estradinha de São Pedro a Angelina, passando por Santa Filomena e pelo Barro Branco, bela região infelizmente com suas casas históricas arruinadas porque vazias, é chão romântico, além de vocacionalmente colonial. Nada mais rural, tão de moderninho gosto, do



Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara

que a estradinha serpejante como essa, sempre ladeando o Imaruí, hoje o riozinho, em busca de suas nascentes. Isso tudo já foi decantado.

O primeiro prefeito de São Pedro de Alcântara, Selezio Zimmermann, com o historiador Toni Vidal Jochem, que trabalha na prefeitura de Águas Mornas, e coordenador dos festejos, são a alma de todas as comemorações, e com inaudita coragem, em município pequeno e pobre, ainda de “cultura” rural, sem muito tempo para interessar-se por sua história.

Há pequena estante de historiadores e cronistas. Além da Memória do Arcipreste Paiva (1845), do valiosíssimo esboço de Jacintho Antonio de Mattos (1917), do livro alemão de Godofredo Endres (1929), da monografia de Elzeário Schmitt (1979), do volumoso estudo de Raulino Reitz (1988), em que São Pedro de Alcântara tem merecido e até necessário espaço, e além do livro de Aderbal João Philippi (1995), surgem, em comemoração dos 170 anos da imigração, os dois novos livros: “São Pedro de Alcântara 1829-1999, Aspectos de sua história”, organizado por Toni Vidal Jochem, e “São Pedro de Alcântara – 170 anos depois”, autoria de Toni Vidal Ramos e Débora Bendocci Alves, trazendo quase a metade das 98 páginas listagens de imigrantes. O primeiro livro é obra de

parceria: 25 autores, a convite da Prefeitura de São Pedro de Alcântara, colaboraram com 28 trabalhos. Para o nosso reduzido espaço histórico, dentro de tão reduzida geografia, tal abundância de literatura sobre a nossa Colônia, se por um lado torna repetitiva grande parte das referências, por outro lado deixa de parabéns a comunidade alcantareense, quando sabemos que cidades muito maiores e mais importantes ainda não contam nem com a metade do acervo escrito sobre sua história como São Pedro de Alcântara já possui. Junta-se a isto tudo o que sobre ela já foi escrito em periódicos e em jornais do nosso Estado.

Nas comemorações aos eventos ocorridos já em março, mês jubilar, na sede da Colônia, e que se coroaram com a sessão festiva na Assembleia Legislativa do Estado, junta-se em junho o IX^o Congresso Nacional da FECAB (Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil), em São Pedro de Alcântara e Águas Mornas, com apoio, inclusive, do Governo Alemão, através de seu Consulado geral em Curitiba. A FECAB, geralmente realiza seus congressos em cidades de muito maior expressão, e onde os descendentes de alemães se contam em quantidades incomparavelmente maiores. O IX^o Congresso é grande deferência para com a pequena colônia-mãe dos “alemães” em Santa Catarina.

Gaspar, junho de 1999.

Repetida retificação: Há pouco tempo, nota minha sob o título “Nicolau Deschamps nascido francês”, publicada nesta revista, retificou um dado importante com relação à grande família catarinense DESCHAMPS, cujo patriarca, o imigrante Nicolau Deschamps, co-fundador da Colônia de São Pedro de Alcântara, no censo do diretor da Colônia, João Henrique Soechting (set. 1830), é arrolado como “alemão”. Estamos de posse de documentação francesa (de Metz): à época em que ele nasceu, no vilarejo de Bliesguerweiler (em francês: Bliesguersviller), a região pertencia à França. O fato não impede que tenha emigrado para o Brasil com passaporte alemão, o chamado “Auswanderungsconsens” (Licença de emigração). Assim, retificamos, mais uma vez, nosso erro anterior, que dava Nicolau Deschamps, o patriarca, como nascido na Alemanha.

Crônicas do Cotidiano

Histórias Da Minha Avó - II

Texto:

URDA ALICE
KLUEGER *

BLUMENAU
em Cadernos

Acabo de ler um livro de História que, em 1772, depois de uma guerra civil, a Polônia foi dividida entre a Rússia, a Prússia e a Áustria, e que, através da partilha da Polônia, a Rússia obteve a Ucrânia polonesa e a Lituânia.

Até hoje eu não sabia como a Lituânia, terra natal da minha avó, fora parar sob domínio russo. Não posso afirmar, também, que a situação continuasse a mesma 100 anos depois, quando a minha avó nasceu – vou pesquisar mais um pouco e depois conto para vocês.

O fato é que minha avó nasceu numa Lituânia sob domínio russo, lá pelo ano de 1888, bem quando foi assinada a Lei Áurea, no Brasil. Já contei, em outra crônica, como se vivia mal lá, naquele tempo. Tão mal se vivia que começou a circular a idéia de imigração, e toda a aldeia onde a minha avó decidiu cair fora. Era fácil querer, o problema era poder. Eles viviam num pequeno país dominado pela Rússia czarista, com as fronteiras devidamente fechadas por barbudos soldados russos. Falar em imigração era proibido, mas quem segura o ser humano quando ele realmente quer alguma coisa? A aldeia da minha avó resolveu que iria fugir, e a história dessa fuga tem lances grandiosos, que vale a pena contar.

Aqueles lituanos do século passado fizeram cuidadosos planos. Um homem com uma carroça levaria as malas de toda a aldeia, e fazendo longa volta por uma floresta, alcançaria a fronteira num lugar pouco vigiado. Um homem com uma carroça chamaria pouco a atenção, não seria a mesma coisa que um bando de pessoas fugindo por uma floresta. O problema das malas estava resolvido, mas o das pessoas?

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

Sem dúvida, eles foram criativos. Organizaram uma festa fictícia em local próximo da fronteira, e depois, fingindo-se de muito bêbados, dirigiram-se cantando até o posto da guarda. Os homens levavam garrafas de vodca na mão e fingiam beber mais; as mulheres e as crianças limitavam-se a cantar. Pararam no posto de fronteira, cantaram para os guardas, e acabaram oferecendo-lhes vodca. Dá para imaginar que um ou outro guarda aceitou o seu golinho, e, foi só eles se distraírem um pouco, e toda a aldeia da minha avó pôs-se a correr e a atravessar a fronteira.

A fronteira era uma vala, e do outro lado havia soldados alemães. Não sei o que tinha levado aqueles antigos lituanos a admirarem tanto a Alemanha, mas o fato é que eles tinham a maior confiança nos soldados alemães. Quando começou o frege de fuge de cá e persegue de lá, um pai pegou uma criança pequena e atirou para o outro lado da vala, e desabafou:

Se eu não conseguir fugir, pelo menos o meu filho se cria em lugar melhor!

Acabaram fugindo todos. O último a atravessar a fronteira foi perseguido por um dos soldados russos a quem tinham oferecido vodca, e o russo estava para acertá-lo com sua espada quando ele pisou em solo alemão. Minha avó impava de emoção quando contava como um soldado alemão brandira sua espada e ameaçara o russo, dizendo que agora era tarde, que o homem já estava no outro país.

Não sei o que aconteceu em seguida, mas sei que a carroça das malas os alcançou depois, e que mais tarde foram todos parar no porto de Hamburgo, na Alemanha. Não sabiam, ainda, que viriam para o Brasil. O futuro era uma grande incógnita, mas minha avó jamais esqueceu o que aconteceu no porto de Hamburgo: meu bisavô comprou para as crianças castelinhos feitos de açúcar, guloseima que eles nunca tinham visto, tão linda que não dava vontade de comer. De certo que os adultos estavam enfrentando graves problemas para definir o futuro, mas para as crianças (minha avó, então, estava prestes a fazer sete anos), aqueles castelinhos de açúcar foram as coisas mais maravilhosas que o porto de Hamburgo e a Alemanha poderiam lhes oferecer. Acabaram decidindo vir para o Brasil, atraídos pela notícia de que aqui era um país onde se plantava um pedaço de pau e nasciam batatas (aipim). Eles se chamavam Katzwinkel. Sei que há muitos Katzwinkel espalhados por Santa Catarina, e todos são da família da minha avó. Adoraria se eles se comunicassem comigo.

**Blumenau
rumo aos
150 anos
de fundação**

**Carta do
Dr. Blumenau
ao Presidente
da Província
em 1872.**

Texto:

*HERMANN BRUNO
OTTO BLUMENAU **



O documento que publicamos nesta coluna é uma transcrição de uma carta redigida pelo Dr. Blumenau ao Presidente da Província, Dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra.

O teor principal está centrado no ataque de bugres que culminou com a morte do colono João Piske.

Numa análise mais profunda da carta, o texto nos revela a fragilidade da Colônia que segundo o Dr. Blumenau “prejudica a imigração e a colonização”. Informa ainda que o número da população triplicou nos últimos tempos e requer maior patrulhamento contra as correrias dos bugres. É interessante avaliar neste documento os argumentos do Dr. Blumenau e seus projetos de expansão.

“Diretoria da Colônia Blumenau,
6 de março de 1872.

Ilmo. e Ex.mo. Sr.

Cumpre-me o triste dever, de participar a V.Exa. que no dia 19 do mês pr.p. os bugres selvagens surpreenderam não longe da sua casa ao colono João Piske, um dos últimos moradores da margem do Sul do Rio Itajaí açu, perto do ribeirão das Cabras, a cerca de 7 léguas distante desta povoação, ferindo-o gravemente e saqueando em seguida sua casa de modo, que literalmente nada de útil e aproveitável nela ficou restando. Pela incrível incúria e estupidez do dito colono a ferida que, sendo no abdômen e não excessivamente grave, sob adequado tratamento teria sido curada em algumas semanas, se tornou porém em gangrena e o doente dois dias depois faleceu já não podendo salvá-lo os cuidados do subdelegado de polícia e médico interino Dr. Carlos Guilherme

* Diretor da Colônia Blumenau

Friendenreich, que com louvável zelo logo depois da chegada do aviso se havia encaminhado para o lugar do sinistro. Choram no seu túmulo uma infeliz viúva, que ainda em breve está esperando seu parto e quatro órfãos, desvalidos e despido de tudo, exceto o vestido que haviam no corpo no momento da surpresa. Bem que a caridade particular, já assistisse a infeliz família, não podia nem pode suprir tanto, quanto é preciso. E como em semelhantes casos e ainda faz dois anos quando aqui se deu análoga desgraça, o Governo nunca negou uma proporcionada subvenção, venho respeitavelmente solicitar a V.Excia me queira autorizar para adiantar à referida família a verba destinada a colonos recém chegados, até a quantia de oitenta a cem mil réis, ficando a mesma hipotecada no lote de terra, que a mesma família comprou a crédito do Estado e está cultivando. Ficando ainda a população da Colônia alterada e há certos respeitos amotinada com a triste nova, fiz quanto possível foi, para sossegá-la. Mandeí abrir diferentes picadas e fazer rondas conseguindo assim, que o ânimo voltasse. Como isto, porém não passa senão de paliativo e a repetição de tais sinistros muito prejudica a imigração e colonização nesta parte, permito-me a respeitosa pergunta, se não seria possível, que a Presidência concedesse a esta colônia um número de soldados ou pedestres suficientes, para eficazmente proteja-la contra as correrias dos bugres, do mesmo modo, até a guerra como o Paraguai aqui se achou um destacamento de 16 ou 17 soldados do batalhão de depósito, que prestou bons serviços. Como porém a área habitada da colônia desde então se triplicou, seria necessário estabelecer pequenos destacamentos, de cinco ou seis praças cada um nos últimos confins da colônia nos vales do Garcia, Encano e Itajaí açu, margem do sul; e mais da Itoupava e dos rios do Testo, Cedros e Benedito. Seriam portanto, sete destacamentos. Além disto a comissão de engenheiros, recentemente incumbida do serviço com a projetada estrada da serra, me parece não poder prescindir de modo algum da proteção de uma escolta, porque suas explorações e trabalhos vão se estender exatamente sobre terrenos freqüentados, esconderijos dos bugres. Permito-me respeitavelmente solicitar a benévola atenção e solicitude de V. Excia. para este assunto, de alta importância para esta colônia, eu ficaria ao mesmo tempo muito agradecido, se Va. Excia. se queira designar participar-me o que a este respeito esperar e comunicar a população bastante angustiada desta colônia.

Deus Guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Sr.

Dr. Guilherme Cordeiro Coelho Cintra, Presidente desta Província. O Diretor, Dr. H.Blumenau. Conforme o original remetido, ao Ministro da Agricultura, em 12 de Março de 1872.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

O fantasma da “Barra Morta” - Segunda parte

Texto:

*JOSÉ DEEKE**



Consoante constou da edição anterior desta “revista”, na qual foi publicada a primeira parte do conto “O fantasma da Barra Morta”, damos prosseguimento à sua divulgação. A publicação, em português, de excertos extraídos da obra inédita, escrita em língua alemã, “Am Lagerfeuer” (Ao redor da Fogueira do Acampamento) do historiógrafo José Deeke, que as desenvolveu em 1925, foi iniciada em abril deste ano.

A dramática história evolui em torno da fortuna em ouro, do mesmo ouro que sempre foi o motivo das esperanças que tanto fantasiaram as mentes sonhadoras dos moradores da região aurífera na margem esquerda do baixo rio Itajaí-Açu, local em que, supostamente, configurar-se-ia a dita “Barra Morta”.

Na tentativa de encontrar os fundamentos dos quais o autor utilizou-se para estabelecer o enredo do conto, dentre outras, nos deparamos com uma transcrição de um jornal de Itajaí que em 1906 publicou nota relativa à “Fantasmas”. O noticiário relata que na localidade do Baú, naquele Município, perto d’uma igrejinha, uma moça branca, de nome Margarida, já há dois anos tinha visões, quando no interior da casa, um fantasma, assemelhando-se a um monge lhe ordenava recolher todas as pedras que encontrasse nas vizinhanças, porque dentro delas encontraria tesouros. Após colecioná-las, quebrou-as entretanto em pedra alguma encontrou qualquer tesouro. Margarida continuou a ter visões; a casa foi tida como mal assombrada e grande número de pessoas para lá se dirigia pretendendo ver os fantasmas. Inobstante a fantasia das suas visões, é interessante observar-se que na região do Baú, mais precisamente no Arraial do Ouro e Morro da Pedra da Gorita, em Gaspar SC, há ocorrência de ouro que há longa data vem sendo extraído mediante métodos variados.

Ainda acerca de minerais aqui consignamos uma das mais antigas notícias de sua ocorrência na região do Vale do Itajaí e que encontra-se referida na obra “Memória Política sobre a Capitania de Santa Catharina” de Paulo Jozé Miguel de Brito, escrita em 1816 e editada em 1829 pela Typografia da Academia Real der Sciencias de Lisboa, onde à p. 57 informa : “esta Capitania até possui nas vizinhanças do rio Tajahi o mais precioso dos metais, o ouro (AU –NºAtômico-79) , e noutros lugares o mais necessário de todos, isto é o ferro”.

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: “O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento”, publicada originalmente em alemão pela editora Rotermund & Cia. (São Leopoldo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra).

Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.

Notas de fim e apresentação redigidas por Niels Deeke.

O fantasma da “BARRA MORTA” (continuação da edição anterior)

Nessas vindas à Vila travou conhecimento com jovens de comportamento pouco recomendável e não demorou a manter contato com as piores mulheres de vida fácil. Com estas gastava muito dinheiro e como a mesada concedida pela mãe tornou-se insuficiente para pagá-las, ele lançou mão do dinheiro arrecadado com a venda dos produtos. Como conseqüência em sua casa ocorreu uma grande briga, que terminou com João prometendo por todos os “Santos” não tornar a repetir os deslizes. Contudo João era jovem demais para levar o caso a sério. No dinheiro que arrecadava para sua mãe, nunca mais tocou, mas encontrou outros caminhos através dos quais obtinha os meios para custear suas sórdidas paixões.

João passou a tomar crédito de agiotas e infelizmente, isso é verdade, dissipou todo o dinheiro emprestado, sem pensar em sua boa mãe ou no seu próprio futuro. João levou essa vida por bastante tempo e seus compromissos já tinham alcançado soma considerável. Sua mãe entretanto de nada sabia e tinha orgulho do filho, acreditando que ele houvesse mudado depois daquelas primeiras improbidades e já então seguisse rumos dignos.

Certo dia ela foi atacada por forte gripe e faleceu de súbito. Podia-se dizer que morreu feliz com a consciência tranqüila, certa de ter cumprido com sua obrigação de mãe e ter feito de seu filho um homem respeitável. Entretanto maior foi a dor de João van Dahlen que com a perda da mãe passou a sentir-se abandonado, fato que atingindo-o tão de perto, fê-lo conscientizar-se e acabou prometendo, a si próprio, que a partir de então agiria como um homem decente e correto.

E no quanto a si propôs, também cumpriu. Vendeu quase todo seu gado e os poucos escravos que lhe restavam para pagar suas dívidas e quando conseguiu saldar tudo, atirou-se com toda sua força física ao trabalho.

Agora já faz mais de um ano que está sozinho e nesse ínterim se comportou muito bem. O que ainda lhe falta é uma boa e adequada esposa. Se conseguiu-la, creio que a *fazenda*, presentemente em ruínas, com o esforço de ambos poderá ser recuperada em pouco tempo.

E concluindo ainda me disse a dona da casa :

– E com isto contei-lhe tudo, minha querida. Vá agora ao seu quarto e reflita a respeito. Pode pensar com calma na resposta que deverá dar hoje à noite ao van Dahlen.

Fiquei comovida com as palavras da dona da casa, pois era evidente que ela estava sendo realmente boa para mim. Assim lhe agradei carinhosamente e me recolhi ao meu quarto.

A história da família van Dahlen afetou-me profundamente, porém, especialmente, a triste sina de Henrique van Dahlen deixou-me bastante nervosa. O que ele teria desejado comunicar à sua esposa minutos antes de falecer? Haveria algu-

ma ligação entre o seu último desejo e o tesouro desaparecido? Foram estes os pensamentos que me passaram pela cabeça.

Não obstante me contive e dirigi meus pensamentos novamente para o presente, fixando-os em João van Dahlen. Que resposta dar-lhe-ia ainda naquela noite? Por mais que me esforçasse não estava segura do que deveria responder. Só sabia que não o amava - mas seria o amor realmente necessário num casamento? Provavelmente não - o principal seria o respeito mútuo, quanto ao restante viria com o correr do tempo. Caso eu rejeitasse sua proposta iria não só desiludir, como também ofender o jovem, além de desagradar meus patrões que sempre tinham sido tão bons comigo. E enfim - o que pretenderia eu nesta vida? Continuar esperando pelo que? Certamente um melhor partido não iria propor-se a mim e já era tempo de encontrar um "lar", mesmo porque não possuía mais pais vivos nem parentes.

Após analisar todos os pontos, decidi aceitar a proposta de casamento de van Dahlen.

O que poderia ainda dizer-lhe foi que à noite van Dahlen realmente compareceu e naquela oportunidade, falando de forma calma e carinhosa, pediu-me em casamento. No momento ainda hesitei um pouco - disse-lhe que não o amava, que só o respeitava e ainda declarei minha condição de moça muito pobre e minha total in experiência no trato com a agricultura e outras particularidades. Mas ele sorriu e, sacudindo a cabeça, afirmou com ênfase que essas razões não o desmotivavam, estava ciente de que ainda não era amado. Com relação a dinheiro e bens asseverou que nestes nem pensou quando decidiu me propor casamento e no tocante à agricultura, ele próprio a faria. Em síntese, eu só precisaria ser a receptora da sua "devoção ao lar", foi assim que se expressou.

A sinceridade com que van Dahlen se manifestou impressionou-me e acabei aceitando sua proposta. Meus patrões, como eu esperava, ficaram satisfeitos com esse resultado e conseqüentemente, daí por diante, trataram-me com maior atenção e carinho. Concederam-me bastante tempo livre e, além disso, a patroa também me ajudou no preparo do pequeno enxoval que pude confeccionar com a minguada economia que juntei.

Não havia mais por que esperar e nos casamos três meses após o noivado. Ao ver a *fazenda* com suas construções em ruína, num primeiro momento, sobressaltei-me e com um arrepio, perdi as esperanças; mas controlei-me e prometi a mim mesma tudo fazer para ser fiel e eficiente na ajuda ao marido, almejando alcançar sucesso na restauração da propriedade.

Visando tal objetivo atirei-me com meus braços fortes e sadios ao trabalho e ficava feliz em ver como van Dahlen trabalhava com entusiasmo desde manhã cedo até a noite. Minha ex patroa na verdade não exagerara demais ao tecer comentário abonador à pessoa de João van Dahlen. Ele se mostrou um homem esforçado e trabalhador, caprichoso e sóbrio; por isso fiquei contente de tê-lo encontrado como

companheiro. Não obstante seu empenho físico na agricultura, logo percebi que sua aculturação intelectual deixava muito a desejar.

Durante o dia desempenhava as atividades braçais e quando anoitecia dava-se por satisfeito, não procurando aperfeiçoar seus conhecimentos com qualquer leitura ou ocupação artística - mesmo porque não tinha qualquer noção do que fosse beleza e perfeição e tampouco se preocupava com o porvir. Se o tivesse amado, talvez esse desinteresse cultural de sua parte fosse para mim uma grande decepção, mas de uma maneira geral até mesmo isto foi conveniente para mim.

Vivemos tranqüilos e satisfeitos por mais de um ano, até que Aída nasceu.

Foi depois do seu nascimento que tudo mudou. Logo no início meu marido não demonstrava sentir amor algum pela criança que lhe era completamente indiferente e isto me aborrecia um pouco. Apesar de nem eu própria ter sentido com toda a intensidade a felicidade do carinho materno, afetos e emoções que jamais conheci - era minha primeira filha, esperava que a criança sendo também sua, fosse alvo dos naturais sentimentos de amor por parte do pai.

Mas o pior ainda estava por acontecer. Enquanto esperava para dar à luz, tinha contratado uma mulher e uma moça para ajudarem nos serviços da casa e para me acudir no parto, auxiliares que, durante aquele período, dormiam no meu quarto. Van Dahlen dormia na sala e naquela época tornou-se costume ficar fora, à noite, por muito tempo. Saía à tardinha para a pesca e, às vezes, só retornava altas horas quando era perceptível seu estado de falta de sobriedade. Pensei que a condição fosse passageira e que, tão logo eu levantasse, tudo voltaria ao normal, porém enganei-me e tudo decorreu muito diversamente.

Neste ponto da narração, a senhora van Dahlen fez uma pausa; ficou algo embaraçada e lançando-me novamente um olhar, como a sondar-me, continuou:

- O que sucedeu a seguir, na verdade não gostaria de lhe contar, pois não acredita em fantasmas e irá supor que só estou lhe dizendo mentiras ou no mínimo pensará que sou uma visionária tresloucada pela mania de espectros, porque adiante o caso trata, realmente, da aparição de um fantasma.

Àquela sua colocação eu não soube responder de pronto - porque em fantasmas não me era possível acreditar. Entretanto queria igualmente ouvir a história e por isso afinal respondi:

- De um lado tem toda razão - não acredito em fantasmas porque até agora não tive prova alguma de sua existência. Porém se agora a senhora me diz que os viu com seus próprios olhos, então é diferente

Nisso ela sorriu. - Está bem, interrompeu-me, - quem diz "A" para descrença, também fala o "B" para a crença, e continuou:

- Portanto, aconteceu que logo na primeira noite, após a mulher e a moça terem ido embora, van Dahlen foi novamente à pesca. Como sempre ele nada dizia,

simplesmente saía à noitinha, de canoa, *Barra Morta* afora, alcançando o grande rio e eu ficava aqui solitária com a criança, nada podendo fazer para retê-lo em casa.

Assim procedia meus afazeres e naquela noite ainda fui ao quarto acalantar a criança até que dormisse e depois também me deitei, pois não saberia dizer quanto tempo ficaria acordada se quisesse esperar van Dahlen.

Era uma noite enlutarada e a porta do quarto estava entreaberta. Não era possível fechá-la bem e, pela janela da sala que dá para o pátio podia-se observar várias formas claras provocadas pelos raios luminosos do luar filtrados através das laranjeiras. A leve brisa que soprava através dos galhos das árvores fazia com que as figuras claras comesçassem a se mover, dançando e, quem quer que fosse, possuindo uma natureza fantasiosa, teria com facilidade divisado os desenhos mais variados de quadros imaginários e mesmo de fantasmas. Todavia com estas coisas eu era céptica e realista, por isto olhava com naturalidade e sem medo para aquelas formas ciente de que nada mais eram que o efeito de um capricho da natureza. Entretanto mesmo assim não pude conter minhas idéias que passaram, involuntariamente, a imaginar o sobrenatural. Não seria de todo impossível que houvesse espíritos, a própria religião nos ensina que todo ser humano possui uma alma que continua subsistindo mesmo após a morte física.

Lembrei-me então de Henrique van Dahlen, que seguidamente maltratava a sua pobre mulher por uma suspeita infundada e como ele subtraiu dela e do filho todos os haveres, deixando-os na maior penúria quando praticamente os deserdou de sua fortuna.

Recordei-me também de como nos derradeiros momentos de sua vida desejou retificar tudo, comunicando-lhes onde depositara seu ouro e prata e no entanto não houve mais tempo para isso.... Sim, quando eu recordava todos estes fatos, dizia a mim mesma que um tal “espírito” não poderia ter a necessária tranquilidade e com certeza seria acometido pelo remorso, não encontrando paz no além, quando talvez o morto tentasse de qualquer maneira reparar a injustiça cometida.

Continuei deitada pensando e já estava quase dormindo quando percebi, subitamente, na porta do quarto, algo grande e branco que logo tomou a forma e contornos de uma figura humana.

Fechei os olhos e tornei a abri-los várias vezes para certificar-me de que não se tratava de imaginação, fantasia ou sonho. Contudo a figura ficou ainda mais nítida e finalmente também vi o formato de sua cabeça, seu rosto e neles os olhos de Henrique van Dahlen que reconheci por serem idênticos a um retrato na casa guardado, além dos olhos de meu marido e minha filha possuírem a mesma expressão.

Nisso fiquei com medo e comecei a pensar no que fazer.

Na seqüência o “espírito” começou a se mover e flutuou em direção ao berço da criança. Meus ouvidos começaram a zunir e tilintar, fiquei até mesmo com medo

de respirar e o suor me escorria por todos os poros. O “espírito” parecia sussurrar continuamente alguma coisa como: “*para Aída... para Aída...*”, e isso era o quanto eu podia entender, o resto chegava-me aos ouvidos misturado ao barulho do tilintar de metais.

Depois que o “espírito” ficou parado, por algum tempo, diante do berço, ele começou a reclinar-se sobre a criança. Foi então que não consegui mais conter meu pavor e gritando me atirei sobre a “figura” tentando puxá-la para longe do berço, pois imaginava que aquele espectro lhe queria fazer algum mal. Entretanto nada mais apanhei que simples ar - a forma desapareceu de repente. Ato imediato acendi uma lamparina e tranqüilizei a criança que acordou com meus gritos.

Depois que acalmei minha filha fiquei ainda muito tempo sentada, lembrando o que aconteceu e pensei comigo mesma :

– Meu Deus ! É quase impossível. Todavia quanto mais relembrava o ocorrido, tanto mais concluía que estivera mesmo acordada e que o episódio fora real e não qualquer imaginação ou sonho.

Logo que van Dahlen chegou em casa, comuniquei-lhe o sucedido. Ele, de início, fitou-me sem entender, porém a seguir seus olhos tomaram, pela primeira vez, a expressão que ainda hoje geralmente têm - mortiços e embaçados, de um vazio distante, a transmitir uma apatia profunda.

Depois, olhou para todos os lados, assustado como que procurando um fantasma qualquer e, num ímpeto, disse-me com ar de superioridade : – Bobagem!

E expressando-se com tamanha grosseria como eu nunca dele ouvira antes, continuou: – De onde viria para cá um “espírito”? Você apenas sonhou, esta é toda a história !

Com tal resposta fiquei bastante revoltada. Esta sua faceta eu ainda não conhecia e decidi enfrentar com redobrada energia a maneira desacreditada como ele havia me tratado.

– Bem, disse áspera e com toda seriedade, olhando-o com firmeza, – então eu sonhei, deixemos isto por hoje assim. Mas a partir de agora você vai ficar em casa à noite, para que eu não precise ter medo pelo que possa acontecer com a criança..

Meu comportamento, desta forma enérgico e decidido, não falhou em impressioná-lo - ele nada contra argüiu e foi dormir. Da mesma maneira me recolhi e a noite transcorreu sem outro incidente.

Van Dahlen, com efeito, ficou nas próximas noites em casa, entretanto nada aconteceu e como tudo parecesse normal, ele tornava às suas palavras agressivas e carregadas de superioridade. Levantava novamente suas dúvidas sobre mim ao indagar-se: – Por que o fantasma não aparece agora que estou em casa? Era assim que esbravejava pretendendo evidenciar que eu somente sonhara.

No quinto dia após a primeira aparição, o “espírito” voltou e desta vez foi van Dahlen o primeiro a notá-lo. Naquela ocasião eu estava bem tranqüila, por não estar sozinha, e fiz um sinal ao meu marido para que ele ficasse quieto a fim de poder ouvir o que o “espírito” sussurrava. Mas van Dahlen mostrou-se um fraco para tal prova e como um possesso começou a gritar, e quando o “espírito” desapareceu, correu desatinado pelo quarto e sala, tomou a pistola e deu alguns tiros pela porta afora, como se estivesse perseguindo um ladrão e depois pegou a garrafa de cachaça.

Desde então tudo acabou entre nós.

Durante o dia e mesmo quando está sóbrio van Dahlen me evita, mas quando embriagado - o que agora acontece quase sempre, então me destrata de alto a baixo, dá ordens e se comporta como se fosse um rico fazendeiro. Se à noite permanece em casa, então se embriaga como hoje para, em seguida, roncar a noite toda. Geralmente, no fim da tarde vai pescar com outras pessoas e o minguido produto da pescaria é quase tudo o que arranja para vivermos, pois a agricultura, depois que viu o “espírito”, abandonou-a por completo. As duas cabras que tínhamos para o leite da criança, há muito já se transformaram em roupa e outras pequenas necessidades. Enfim estamos na mais absoluta miséria, realmente arruinados, e não sei o que será de nós.

Dito isso, a senhora van Dahlen não podendo mais falar e, estremecida, silenciou novamente - só procurava conter as lágrimas. Esperando acalmá-la, dei-lhe longo tempo, pois eu próprio precisava de algum para me recompor depois de ouvir tão triste história que não deixou de sensibilizar-me até o âmago da alma.

- E o “espírito” desde então tornou a se manifestar? - perguntei-lhe afinal.

- Claro que sim, respondeu-me mostrando-se mais calma. - Sempre aparece e sua presença me deixa muito nervosa. Mesmo que resolva ficar tranqüila para ouvir o que o espectro diz, ouço sempre o estranho ruído que, zumbindo nos ouvidos, prejudica a compreensão exata das palavras. Tentei, de todos os modos, combater a aversão que sinto por meu marido desde quando vem se comportando com modos reprováveis de um fraco irracional, agredindo-me com desumanidade. Cheguei a pedir e implorar que ficasse ao menos uma noite sóbrio comigo para, talvez juntos e sentido-nos seguros, podermos entender o que o “espírito” sussurra. Mas nada consigo. Quanto mais lhe peço que ajude a alcançar esse objetivo, tanto maior é seu medo quando sóbrio; e mais grosseiro quanto violento fica, se embriagado.

Com isso eu sabia de tudo e uma imensa pena da pobre mulher se apoderou de mim... compaixão... e havia ainda algo mais, impossível de definir de imediato. Não era amor, como senti por minha Berta - mas sim um sentimento de grande afinidade que me impulsionava para ajudá-la.

Quando porém propus auxílio, ela sacudindo melancolicamente a cabeça, argumentou:

– O senhor não pode me ajudar agora - e como dar-se-ia esta sua ajuda ? Além disso o “espírito” não se apresenta quando há estranhos na casa e por este motivo é que me sinto liberta quando aparecem visitas - assim como hoje. Contudo isto acontece raramente porque meu marido embriagado falou sobre o caso e agora todo mundo sabe que na “Barra Morta” existe uma “alma penada” e para se afastar de tais lugares há quem dê enormes voltas.

– Bem, disse eu, –neste sentido nada se poderá fazer. Mas o que a segura aqui ? A senhora de qualquer maneira não terá condições de permanecer neste local, já que lhe faltam os mantimentos para subsistência. Portanto tome sua criança e siga para algum alojamento provisório - creio que possa encontrar algum com facilidade, depois, com vagar, mais tarde.... Ela não deixou-me continuar, corando suavemente, e por alguns instantes a dor e tristeza deixaram seu rosto, quando disse :

– Não continue, o senhor só pode me ofender com isto. Para mim não há saída - eu pertenço ao meu marido, apesar da sua maneira, é meu destino carregar este fardo. E ainda permanece a esperança, mesmo que remota, de que talvez aconteça uma mudança para melhor.

Quem então enrubesceu fui eu. Como poderia a mulher considerar meus bons propósitos uma ofensa, se nada mais desejava que ajudá-la? Pensei comigo - e o que ela ainda poderia esperar permanecendo ali, e isto era para mim um enigma.

Contudo ela não mais deixou que eu falasse. Levantou-se e disse que era hora de dormir e realmente ficara tarde. Os lancheiros já há tempo haviam guardado as cartas e entendendo o sinal da dona da casa, procuraram seus lugares para dormir.

Depois da senhora van Dahlen ter-se recolhido ao quarto, também eu procurei o lugar onde arranjei meu canto para dormir. Passei a noite inteira pensando na história da família van Dahlen e principalmente no “espírito” que visitava aquela casa, tecendo em minha imaginação centenas de suposições. Será que realmente existiam fantasmas ? - Bobagem ! Era apenas uma aparição doentia imaginada pela senhora van Dahlen.

O zumbido e tilintar de metais nos ouvidos que ela dizia sempre ouvir quando da aparição do “espírito”, não teria como causa o sobrenatural, ao contrário; e suas visões nada mais eram que puras fantasias, sintomas de alguma doença anêmica que, talvez, a estivesse acometendo. Ah! Se eu pudesse ajudá-la - se estivesse no lugar do seu covarde marido, o assunto não tardaria a ser solucionado.

Por fim quando os galos já cantavam, consegui cochilar um pouco e, estranho, justamente assim só parcialmente adormecido vi o “espírito” parado na sala - exatamente como a senhora van Dahlen o havia descrito. Não senti medo e também não acordei e depois quando meu sono tornou-se mais profundo, desvaneceu-se o último vislumbre da aparição do duende.

Já era dia claro quando após o breve cochilo, acordei. Meus lancheiros já estavam de pé e rápido também levantei-me. A senhora van Dahlen não demorou a aparecer, fez ligeiro um fogo e em pouco tempo nos serviu um bom café.

Era minha pretensão chegar ainda naquele mesmo dia até a colônia rio acima e para isto era preciso apressar-me. Assim, sem mais delongas, me despedi da dona da casa - seu marido ainda dormia, e lá fomos nós com a lancha "*Barra Morta*" afora.

Durante todo o dia, enquanto pilotava a embarcação, meus pensamentos convergiam para o que ouvi na noite anterior e incessantemente me retornava à memória o rosto tristonho da senhora van Dahlen, com seus olhos muito expressivos a me fitar. Nem mesmo mais lembrava como se dera a despedida com tamanha facilidade e só então me dei conta de que talvez ela tivesse sentido um pouco de vergonha por ter-me revelado assuntos tão íntimos e por isto abaixasse os olhos. Se ela me houvesse encarado com seu verdadeiro olhar - aquele com o qual sempre me olhou Berta, minha saudosa esposa, certamente a formal despedida seria outra e eu teria sido mais cordial e animado.

Entrementes progredimos rio acima e às nove horas fizemos nossa merenda e, quando desejamos tomar um gole de cachaça, percebemos que havíamos esquecido o garrafão na casa de van Dahlen, na "*Barra Morta*".

Por isso lamentei - não pela cachaça, esta poderia dispensar, mas por causa da pobre senhora van Dahlen, cujo marido teria com isso a oportunidade de se embebedar de novo. Contudo nada mais poderia fazer.

De tempo em tempo eu substituí um dos lancheiros no passadiço ao longo da embarcação, empurrando a longa haste do varejão e dessa maneira seguimos céleres e à noite pudemos atracar no lugarejo principal da colônia.

O descarga e o novo carregamento de mercadorias terminamos em três dias. Felizmente consegui bastante carga e fomos rio abaixo. Enquanto isto eu sempre pensava se na volta iria ou não, novamente, adentrar na "*Barra Morta*", mas o problema finalmente resolveu-se por si mesmo, quando ao passarmos na região, defronte sua embocadura, era ainda muito cedo, pouco depois do meio dia, e seria uma tolice fazer ali uma parada porque poderíamos com tranqüilidade, ainda naquele mesmo dia, chegar a Santíssimo Sacramento. Mas nem por isso ao passarmos diante da *Barra Morta* deixei de olhar para lá e então fui tomado por um sentimento bastante estranho. Divisei as copas das palmeiras e das laranjeiras, além disso estava tudo mortalmente silencioso, não se via ou ouvia viva alma.

Fiz mais algumas viagens com minha lancha, porém o trajeto defronte a "*Barra Morta*", não tornei a praticar. Se bem que tivesse conseguido com facilidade carga para lá, sempre a rejeitei e preferi aceitar outros carregamentos destinados a uma colônia na região ao lado ⁽⁸⁾ à qual levava um rio menor e sinuoso ⁽⁹⁾, bem como de navegação bem mais problemática.

Por mais que tentasse não podia esquecer aquela madrugada na “*Barra Morta*” que, dia e noite, aflorava diante os meus olhos. Incessantemente recordava a senhora van Dahlen e seus olhos tão significativamente expressivos.

Diversas vezes me surpreendi quando estava a considerar a idéia de como seria se eu pudesse simplesmente chamá-la de “Lisbeth”. E então envergonhava-me de meus próprios pensamentos, pois afinal o que queria eu ? Além do mais ela era casada!

Mas independentemente dessa circunstância ocorreu uma transformação na minha cabeça. Podia esforçar-me o quanto pudesse, entretanto ela sempre tornava a despontar em meus pensamentos, recordando-a já como “Lisbeth” e não mais como a senhora van Dahlen.

Meu pequeno Feliciano desenvolvia-se muito bem sob os cuidados da velha senhora Pappke - assim se chamava o casal que eu havia contratado para cuidar da minha chácara. O menino tinha saúde e ótima disposição - já andava e até mesmo articulava algumas palavras.

Sempre que voltava de alguma viagem pelo rio a alegria era imensa, tanto de minha parte como pela do menino, sem esquecer que também os velhos Pappke se alegravam como se fossem crianças. Mas apesar de todo o contentamento, desde a estada na “*Barra Morta*”, se apoderou de mim um novo sentimento - via a silhueta de “Lisbeth”, que me surgia com rosto amedrontado, sentada junto ao berço a estender suas mãos contra alguma “coisa branca” em defesa da criança.

No princípio pensei que esta sensação desapareceria com o passar do tempo, mas não foi o caso, ao contrário, a lembrança foi aumentando e sempre mais me afligia.

Diante disso e pretendendo tentar arrefecer a minha fixação naquela recordação, decidi partir por uns tempos para algum lugar mais distante. Os velhos Pappke ficaram desolados - como que caídos das nuvens, quando lhes comuniquei o que planejava. Não compreendiam como eu poderia deixar o pequeno Feliciano, mas prometeram cuidar dele como se fosse seu próprio filho e de vez em quando mandariam notícias.

Encontrei um comprador para minha lancha e num dos primeiros navios costeiros chegados ao porto, consegui uma vaga de marujo. Em seguida parti com o coração pesado e muita tristeza na alma.

Fazendo parte da tripulação, segui até o Rio de Janeiro, onde desembarquei e procurei trabalho a bordo, porém todas as funções nos demais navios estavam lotadas - e assim nada encontrei. Após muito procurar aceitei o conselho de um amigo e comecei a praticar vendas como mascate, ou seja caixeiro viajante. Adquiria, no Rio, variedades em mercadorias e viajava com os navios costeiros para o norte do País. Nas cidades portuárias em que atracava fazia vendas aos marinheiros e viajantes, ia à terra e procurava vender o resto e tornando a adquirir novos estoques,

para desta forma dar continuidade às viagens. Nessa atividade fiz bons negócios e ainda usufruía da vantagem de não precisar pagar impostos.

Permaneci fazendo meu comércio pelo norte do País, sem jamais ter retornado para casa. A constante lembrança da “*Barra Morta*” que se havia apoderado de mim, foi lentamente apagando e, como mediante meu negócio já fizera alguma economia em dinheiro, comecei a pensar em voltar para casa. Entretanto não pretendia retornar de imediato - desejava antes obter os meios necessários para poder estabelecer-me em Santíssimo Sacramento com capital suficiente para começar um “*negócio*”.

Entrementes recebi uma carta do velho Pappke que me comunicava o falecimento de sua esposa e exigia que eu voltasse imediatamente. Parecia que em casa estava tudo bem, porém eu compreendia que era minha obrigação retornar e pelo menos certificar-me de como andavam as coisas por lá. Era muito estranho como até aquele momento tudo estivesse resolvido a contento. O velho Pappke assim escrevia explicando acerca disso :

– Logo após o falecimento de minha esposa, que deu-se em seguida a uma curta doença, a situação do seu filho não era nada boa, pois eu também adoeci e tive que permanecer acamado e não podia cuidar dele. Como o senhor sabe, é muito difícil conseguir empregadas boas por aqui, mas inesperadamente e justo quando já estava me desesperando com o meu abandono, chegou aqui em casa uma jovem mulher com uma criança, perguntando se eu não precisava de auxílio - dinheiro não queria, se daria por satisfeita com a comida para si e para a criança. Naturalmente concordei imediatamente e posso dizer que tive muita sorte, pois a mulherzinha já quase me curou e o pequeno Feliciano a adora. Ela o trata e o estima como se fosse seu próprio filho, cuidando de tudo aqui com muita fibra e com todo o amor que possui seu afetuoso coração. Entretanto ela não quer ficar para sempre conosco, parece-me que já encontrou um lugar melhor e só espera que eu consiga uma substituta - a qual, todavia, não encontro, para deixar-nos. São estas razões pelas quais o senhor precisa retornar o quanto antes e resolver esta questão

À vista das notícias não havia mais no que pensar. Vendi tudo quanto tinha de mercadorias e aproveitei o primeiro transporte marítimo para Santíssimo Sacramento.

Numa bela tarde cheguei ao porto e de pronto me pus a caminho da minha chácara. Logo que alcancei a pequena casa com o jardim na frente, vi, lá no caminho arenoso, duas crianças a brincar - um menino e uma menina. O menino era meu Feliciano e a menina certamente deveria ser a criança da mulher que fazia o trabalho doméstico. Num átimo prometi a mim mesmo tratá-la igualmente bem, como ela fez com meu filho.

Quando abri o portão do jardim e me dirigi às crianças, logo que me viram, o menino fugiu correndo enquanto gritava : – um homem , um homem! Feliciano, aquele pequenino garoto não me conhecia mais.

Também, a menina inicialmente ameaçou fugir, mas quando me viu sorrindo, voltou e, confiante, veio ao meu encontro. Sentei-me no banco do jardim e a coloquei sobre meus joelhos. Ela falava muito com sua linguagem infantil, mas quando perguntei seu nome, não me deu uma resposta satisfatória. Falava e murmurava sempre mais enquanto apontava para a casa, sem que eu entendesse o que dizia. Porém eu fazia de conta que compreendia tudo e lhe dizia:

– Ah , é ? Não Diga ? E assim por diante!

Repentinamente senti como se houvesse algo me puxando para trás. Virei a cabeça e num instante eu já estava de pé ! Aquela era ...Oh, será que eu sonhava? Não - não era sonho algum. Quem estava ali à minha frente era Lisbeth !... E exclamei : – Lisbeth é você realmente ?

– Sim, sou eu, respondeu-me corando, certamente por ter ouvido seu nome ser pronunciado de forma tão íntima.

– Mas como chegou até aqui ? Não mora mais na “*Barra Morta*”?

– Não, já faz mais de um ano. Logo depois da morte de meu marido vim para Santíssimo Sacramento.

– João van Dahlen está morto ? Desde quando ?

– Eu já disse - há mais de um ano. Quando o senhor partiu naquela ocasião - sabe quando estive como hóspede lá em casa, não se recorda de ter esquecido alguma coisa.....?

– Sim, sim, me lembro, foi o garrafão.....

– Isso mesmo, o garrafão, disse ela com amargura e por seu rosto passou um trejeito de desprezo. – E o conteúdo do mesmo van Dahlen aproveitou e à noite quando foi pescar, perdeu o equilíbrio e caiu n’água lá no trapiche, morrendo afogado.

– Oh.! Respondi confuso com aquela notícia inesperada, – e você mudou-se logo para cá? Então é estranho que eu nunca a tenha visto. Naquele tempo ainda fiquei algum tempo por aqui antes de seguir para o norte.

– Isto é fácil de esclarecer, respondeu ela. – Eu só muito pouco ia à rua, ficava mais tempo na cozinha e nas dependências dos fundos da casa dos meus antigos patrões.

– Seus antigos patrões ! disse pensativo recordando que em verdade neles ela teria apoio e naquele instante tudo ficou para mim muito claro.

– Lisbeth - exclamei – Agora estou compreendendo tudo, você não veio por acaso à minha casa. Veio orientada depois de saber que a velha Pappke tinha morrido, e então correu para cá a fim de cuidar do meu filho! Não foi assim ?

– Sim, respondeu-me ela, corando embaraçada. – Mas agora que você está novamente aqui poderá cuidar do seu filho.....vou mudar-me ainda hoje à tarde.

– Nada disso, respondi com o coração feliz, pois para mim não havia mais dúvida quanto ao futuro para nós.

– Se for desagradável para você, Lisbeth, dormir sob o mesmo teto comigo - então encontro para mim outra acomodação provisória. Mas você e a pequena Aída, ficarão aqui. A casa pertencerá exclusivamente a vocês e ao meu pequeno Feliciano, até quando você me permitir ingressar como co-proprietário.

Era minha vontade dizer muito mais, como, por exemplo, pretendia chegar à condição de co-proprietário, porém não encontrava meios para me expressar, porque falar as simples palavras “casa” e “casamento”, me pareciam muito banais. Nossa situação ainda era bem outra e o tratamento era um tanto formal, contudo naquele momento não me lembrei de coisa melhor para dizer. Se bem que por igual não fosse necessário, Lisbeth deveria entender o que eu desejava dizer e quando lhe estendi a mão, ela aceitou ainda que um pouco relutante.

Neste momento as crianças chegavam com o velho Pappke, vindas dos fundos da casa. Feliciano que há pouco tinha fugido, correrá até a plantação onde comunicou ao velho que um homem havia chegado e, Aída que eu coloquei no chão após a chegada de Lisbeth, correu no seu encalço. O velho não coube em si de contente quando me viu.

– Logo imaginei que o *homem* do qual Feliciano falava, seria você. E deu-me as mãos num cumprimento cordial. – Mas agora entremos, para poder sentar, pois minhas pernas tão firmes não estão mais e, depois com toda esta alegria, tornaram-se muito fracas e trêmulas.

Depois que entramos na casa, Lisbeth logo preparou um café e aproveitei o tempo para esclarecer ao meu Feliciano sobre quem na realidade eu era, o que facilmente consegui com os caramelos que trouxe. Naturalmente Aída não queria ficar para trás e também começou a chamar-me de “papai”, o que alegrou muito o meu coração.

A alegria do velho Pappke não teve limites quando soube que Lisbeth e eu pretendíamos ficar juntos pelo resto da vida e cuidar das crianças.

– Que isto iria acontecer, eu já imaginava há algum tempo, entretanto que fosse tão rapidamente, não poderia nem mesmo sonhar, disse ele.

Sobre tudo quanto eu e Lisbeth ainda conversamos naquele dia, deixarei hoje de falar, contudo direi que chegamos à conclusão que casaríamos o mais breve possível.

Como os antigos patrões de Lisbeth - a família Moreira, sempre foram muito bons para ela, resolvi procurá-los logo no dia seguinte e me apresentando, comuniquei-lhes o nosso noivado. O senhor Moreira e a sua esposa ficaram muito contentes com a notícia, pois eles estavam preocupados com o futuro de Lisbeth. Tive de

contar-lhes minha vida pregressa e também quiseram saber qual minha opinião sobre o futuro. Sobre isto não lhes podia dizer muito, pois eu nem mesmo sabia, com exatidão, o que faria depois. Algo porém estava clara para mim, só a chácara não nos poderia sustentar. Todavia tamanha pressa também não havia, pois trouxera comigo razoável economia e tão cedo não passaríamos necessidades.

O senhor Moreira tinha a mesma opinião, achando tudo lógico - não obstante, conforme dizia ele, - sempre ser de bom alvitre quando, em tempo hábil, se dispõe os interesses na vida, provendo as condições futuras. E ponderava que de qualquer forma estava muito claro, onde e como eu poderia aumentar a minha arrecadação...

- Como assim, perguntei admirado ?

- Mas isso é evidente, disse Moreira, observando-me com simpatia, - e não é tão difícil de descobrir - Lisbeth e Aída ainda são proprietárias da *fazenda*!.

A *fazenda Barra Morta*! Era verdade ! Dela quase tinha me esquecido - e então com a sua lembrança senti um calafrio percorrer meu corpo.

- Eu não acredito que Lisbeth queira ir para lá, respondi com certa relutância.

O senhor Moreira sorriu um pouco irônico, perguntando :

- Por causa do fantasma? E quando concordei muito sério, ele continuou :

- Esta história do fantasma lá de cima, não é nenhum motivo para abandonar, por completo, a bonita fazenda. Com a casa restaurada os fantasmas não poderão mais perambular pelas janelas e portas e então esta história também acabará. Além disso, por enquanto Lisbeth não precisa mudar-se para a *Barra Morta*. Ela poderá ficar morando aqui e o senhor com um grupo de operários, partiria para lá, a fim restaurá-la. Depois que tudo estiver novamente em ordem, os engenhos de açúcar e de farinha funcionando, os pastos e estrebarias povoados com gado, peões e empregados se movimentando pela propriedade, então Lisbeth certamente esquecerá esta história de fantasma e voltará para lá.

A solução proposta pelo senhor Moreira, não me pareceu tão má.

- Vou pensar a respeito, disse-lhe, - mas a decisão caberá à Lisbeth que precisará estar de pleno acordo.

- Certo, certo, concordou o senhor Moreira, - isto também não tem pressa. E depois se ofereceu para ficar ao meu lado no que desse e viesse, caso eu encontrasse dificuldades na "*Barra Morta*".

O tempo passou voando. As poucas semanas até o nosso casamento esgotaram-se e, pela segunda vez, encontrava-me agraciado pela felicidade. Era realmente lamentável que a chácara não produzisse a quantidade necessária - como teria sido bom se pudéssemos ter ficado lá para sempre!

Entrementes chegou o dia em que tivemos de pensar seriamente em procurar um ganho mais substancial e depois de Lisbeth, temerosa, hesitar um pouco, aca-

bou concordando que eu restaurasse a *fazenda*, conforme o senhor Moreira havia aconselhado.

Para tanto adquiri uma embarcação maior, contratei meia dúzia de operários e certo dia rumei para a *Barra Morta* começando logo a restauração. Mas toda aquela empreitada não era simples, pois da construção existente, somente as paredes sobravam ainda que parcialmente aproveitáveis. O telhado estava em inteira defecção e devido à infiltração da chuva, a madeira do assoalho, do teto e das portas havia apodrecido.

As primeiras providências que tomei foram determinar a derrubada da capoeira e a limpeza de tudo em derredor, a renovação das plantações de cana de açúcar, mandioca e demais cultivos, bem como da pastagem. Em seguida ataquei as dependências destinadas aos animais de criação a fim de que comportassem o manejo, alimentação e procriação. Por último voltei-me às construções, pois como Lisbeth não desejava ir imediatamente para lá, a reforma da residência não seria tão urgente.

Meu pequeno capital não demorou a esgotar-se, e precisei recorrer ao senhor Moreira. Ele recebeu-me muito amável e risonho. Disse que não me acanhasse - sua caixa estaria à minha disposição. Como contrapartida à sua ajuda, somente exigiu que toda a produção que a *fazenda* posteriormente proporcionasse, lhe fosse vendida com exclusividade. Moreira era negociante. Isto lhe prometi cumprir, entretanto demorou bastante até que fosse possível produzir algo - e além disso os preços não eram nada compensadores e o débito, pelo empréstimo contraído, tornara-se considerável. Nesse ínterim o “espírito” da Barra Morta não fez qualquer aparição.

Tudo decorria conforme às expectativas. A casa e as construções já estavam devidamente reparadas e apresentavam agradável visual, além de oferecer satisfatório conforto - como o senhor Moreira havia previsto, e assim Lisbeth resolveu mudar-se para a *fazenda*.

Não interferei nesta sua decisão - deixei-a deliberar sozinha. Só o destino retardou um pouco sua transferência, porque o velho Pappke, seguindo sua fiel esposa, neste entretanto, também faleceu. Por esse motivo a vida na chácara tornou-se muito solitária e devido aos meus afazeres na *fazenda*, não podia visitar Lisbeth com tanta frequência.

Com a chegada de Lisbeth à *Barra Morta*, houve uma pequena festa. Todos os trabalhadores ficaram contentes e orgulhosos por ter a jovem senhora resolvido transferir-se, em definitivo, para lá. Igualmente ela estava alegre e quando entramos na casa, disse apertando-me a mão, que tudo ficara muito diferente, em nada se parecia com a antiga ruína e conseqüentemente não tornaria a sentir medo.

Festejamos até altas horas da noite, ou seja, o pessoal do serviço festejou - pois Lisbeth e eu ficamos sentados num canto do sofá, apreciando o movimento dos operários e dos agregados, enquanto as crianças dormiam. Finalmente fomos dormir

e tivemos um sono tranqüilo e reparador. Nenhuma aparição nos incomodou. Na segunda noite deu-se o mesmo.

Mas na terceira noite aconteceu ... Minha mulher estava prestes a adormecer, enquanto eu ainda permanecia acordado, segurando sua mão.

Lá, na porta, que dava para a sala e que estava trancada, na qual se destacava a madeira escura, representada por um grande retângulo negro na parede - surgiu algo brilhando com certa luminosidade.

Naquele momento pensei que fosse uma ilusão e tornei a olhar com mais atenção, porém o brilho luminoso não desaparecia, ao contrário aumentava, sempre mais, sua intensidade.

Já não mais duvidava que fosse o “espírito”. Portanto resolvi agir com a maior calma e atenção.

Apertei, com mais força, a mão de minha mulher, conseguindo fazê-la despertar do cochilo e ela logo, também, percebeu o “espírito”. Permanecemos em total silêncio e só quando o “espírito” fazia qualquer movimento ou alterava sua evanescência na tentativa de materialização é que nos comunicávamos através de um aperto mais forte nas mãos. A cintilação estava se tornando progressivamente mais intensa e o espectro assumia, devagar, a configuração de um ser humano que lentamente se deslocava em direção ao berço de Aída. Quando a assombração se debruçou sobre o pequeno leito, pude reconhecer claramente a feição particular dos olhos dos van Dahlen que reluziam fosforescentes. A entidade fantasmagórica parecia murmurar algo seguidamente, mas não conseguíamos compreender o que fosse, pois o berço estava por demais afastado.

Após ter permanecido longo tempo diante do pequeno leito de Aída, a aparição foi cada vez ficando menos brilhante e quase invisível, flutuou novamente em direção à porta por onde sumiu da mesma maneira que veio.

– Tem medo? Perguntei à minha mulher quando o “espírito” desapareceu.

– Não, disse ela firme, – estando com você nada temo, mesmo que viesse meia dúzia de fantasmas. Porém responda-me - você observou tudo bem? Agora ainda continua garantindo que não existem fantasmas ?

–A esta pergunta ainda não posso dar uma resposta conclusiva, disse pensativo. – Por enquanto só sei que algo branco e luminoso com os traços de uma figura humana, real e verdadeiramente esteve aqui e isto comprova que você anteriormente também viu algo autêntico e que não foi uma fantasia ou sonho.

– Mas então não acredita que foi mesmo um fantasma ?

– Não! Que seja de fato um fantasma genuíno ainda não posso acreditar em definitivo, mas se o “espírito” voltar, saberemos do que se trata.

– Mas Gerhard! Exclamou minha mulher, quase indignada, – o que mais poderia ser além de uma *alma penada* ? O que, além de um “espírito”, poderia passar pela porta trancada?

Não precisaria, necessariamente, ter vindo pela porta, tranqüilizei-a.

E quando minha mulher olhou-me sem entender, continuei : – Na verdade não vale a pena discutir agora a este respeito e não deve ficar tão horrorizada por não me ser possível, tão de pronto, definir a ocorrência como sendo um “espírito” - isto ainda é preciso comprovar, o que só será possível se tivermos coragem e serenidade suficientes. Se de tal forma procedermos não tardaremos a descobrir diante do que nos encontramos, pois existem ainda outras hipóteses que explicariam o fato.

Imagine, por exemplo, que exista na parede, atrás de nós, um pequeno orifício e que através dele penetre uma luminosidade, justamente irradiando o lume sobre a porta. Esta circunstância poderia provocar uma claridade parecida. Diversas possibilidades poderiam ser aventadas, mas enfim para que nos perdermos em divagações, nós veremos ... ”

Lisbeth, apertando minha mão, disse : – Você é inteligente, mas agora vamos dormir.

Antes porem, preparamo-nos para na madrugada poder ouvir o “espírito” mais de perto, e desta forma procurar entender o que o duende murmurava. Para tanto encostamos as camas das crianças bem próximas à nossa. Coloquei o leito de Aída ao lado do meu - pois embora Lisbeth já então mostrasse mais coragem, poderia fraquejar e, como no passado, ficar abalada e nervosa - o que prejudicaria a observação e escuta para compreender o que o “espírito” sussurrava.

Por mais que esperássemos também na noite seguinte, como nas posteriores foi tudo em vão. O que quer que tivesse sido aquela manifestação, permaneceu invisível. Mas na quarta madrugada voltou. O fato tornou a acontecer como da primeira vez, só que nesta a figura não estava tão nítida, apesar de bastante próxima. O murmúrio também não parecia mais sonoro, se bem que meu ouvido não estivesse nem meio metro afastado. Esforcei-me ao máximo para ouvir e ao final da longa frase que o espírito balbuciava, minha escuta conseguiu captar algumas palavras “*debaixo da grande palmeira.....para Aída.....inocente....*” Mas mesmo assim ainda não havia entendido direito, pois como eu disse o cochicho era nada nítido.

O “espírito” depois de algum tempo foi embora da mesma forma que na vez anterior, quando, flutuando para trás, desvaneceu-se através da porta.

– Você entendeu o que ele disse? Perguntei à Lisbeth.

– Um pouco mais do que antes, respondeu-me pensativa, – mas não tudo.

Eu estava muito curioso para saber se o quanto eu havia entendido, correspondia às palavras que ela por sua vez, ouvira.

E, vejam que foi quase exatamente o caso, minha mulher também ouviu algo referente a *grande palmeira* e que *pertencia à Aída*.

– E agora, inquiriu minha mulher, – não sabemos muito mais que antes?

– Suspeito que sim, respondi. – As breves e resumidas palavras são o bastante para tirarmos nossas conclusões, e se isto confere, logo veremos.

Minha mulher não entendeu a palavra “*debaixo*”, por isto o que discerniu não lhe fazia muito sentido. Quando chamei-lhe a atenção para este detalhe, ela prontamente compreendeu.

– Mas lógico”, disse ela, – agora entendo - *debaixo da grande palmeira Henrique van Dahlen enterrou o tesouro que deverá pertencer à Aída.*

Na manhã, do dia seguinte, fui à sua procura. Muito antes, nas vezes em que eu estivera trabalhando nas roças do campo e olhara em direção ao pátio fronteiro à casa, percebi que uma das palmeirás, das muitas que haviam em volta da sede rural, era maior que as demais.

Precisava, entretanto, localizar onde precisamente a árvore emergia da terra e para lá me dirigi, não demorando a encontrá-la. A palmeira nascia bem junto ao barranco que dava acesso à *Barra Morta* e era de uma espécie diferente das demais. Estas últimas eram naturais da região, nasciam espontânea e independentemente da sementeira pelo homem, havendo muitas na floresta, contudo aquela “*palmeira do tesouro*”, certamente Henrique van Dahlen plantou especialmente ali, para que mais tarde pudesse se destacar das outras.

Depois que os empregados saíram para o trabalho, fui ao local do tesouro e comecei a cavar no declive, logo abaixo donde brotava a palmeira. Suas raízes tinham se expandido por toda sua volta e mesmo não sendo grossas eram muito duras, requerendo que me esforçasse no trabalho para avançar na abertura do fosso sob a árvore. Depois de muito cavar, finalmente consegui chegar próximo ao centro da base daquela planta, onde realmente encontrei uma caixa bastante danificada pelo tempo e que estava repleta de moedas e ouro e prata.

O tempo passou e já era meio dia. Resolvi camuflar o buraco cavado, com restos de velhas tábuas além de folhas secas por ali caídas, e voltei para casa onde comuniquei à Lisbeth o achado do tesouro.

Minha esposa ficou muito contente. – Graças a Deus, disse olhando para o céu aliviada, – agora ficará tudo bem e o “espírito” do velho Henrique van Dahlen poderá finalmente descansar em paz, deixando de nos perturbar. Aída vai receber o dinheiro que o avô quis tirar dela e há tempos escondeu.

A tarde quando o pessoal retornou às atividades nas plantações, fui novamente ao local. Abri um pouco mais o buraco e afinal consegui retirar as moedas com as mãos antes de tapar novamente a escavação com todo o cuidado, tencionando dissimular qualquer constatação de que lá o terreno fora revolvido. Na sequência levamos tudo para dentro de casa e, guardadas numa caixa, escondemos as moedas num depósito de coisas velhas.

Existe um antigo e sábio ditado que apregoa : “*Dinheiro não traz felicidade*”. A verdade contida nesta frase tantas vezes ironizada, me foi possível constatar e

sentir sua prova na própria pele, com toda a intensidade do seu alcance. Contudo minha mulher pouco entendia desses assuntos

– Não posso te entender, dizia ela, quando me via tão preocupado. – É tão simples - tome o ouro e a prata . Por que não paga a dívida ao Moreira, assim pelo menos nos livramos dessa preocupação.

– Penso que o tesouro deva pertencer à Aída! Respondi, pois já refletira muito sobre a questão e estava curioso como Lisbeth disporia acerca disso.

Ela olhou-me realmente um pouco surpresa quando lhe disse aquilo e, depois de pensar um pouco, ponderou :

– Sim é verdade, pertence à Aída, mas a *fazenda* também é dela, bem como o são também as dívidas que você contraiu para melhorar o patrimônio rural. Por tais razões o pagamento com os recursos do “*achado*” reverterão em benefício dela.

Respirei um pouco aliviado, pois no quanto dizia Lisbeth, havia, de certa forma, um ponto justificável. E como desejava certificar-me acerca do posicionamento dela com relação à propriedade do tesouro, argüi :

– Lisbeth , comecei, – acha mesmo que o tesouro pertence só e exclusivamente à Aída ?

Ela mirou-me com os olhos arregalados e foi dizendo :

– Sim , nisso creio eu - e o próprio “espírito” sempre disse isto e você mesmo ouviu: “ *para Aída....*”

– Certo...certo,, confirmei, – o espírito assim falou, mas disse algo mais, o que no entanto não pudemos entender.

E ela comentando externou sua opinião :

– O que entretanto não altera o fato de que o tesouro pertence à Aída. Também acho que, no mínimo, é desnecessário nos preocuparmos com tais detalhes, pois o que pertence à Aída, pertence igualmente a nós seus pais....

– Querida Lisbeth, interrompi um pouco irritado. – Realmente estou feliz que Aída me ama como a um pai e que meu filho também não te ama menos do que se fosses sua mãe verdadeira. Mas quando se trata da Lei e da Justiça, o amor não prevalece e nada vale. Neste caso Aída é somente sua filha e Feliciano meu filho. Em outras palavras significa que quando Aída for maior, e um dia se casar, então tudo que possua, com exclusão de sua parte na *fazenda* - Lisbeth, pertencerá à Aída. Eu e principalmente Feliciano nada auferiremos, pois de você ele não herdará e quanto a mim, aqui nada mais faço que trabalhar para Aída.

Minha mulher começou a chorar:

– Meu Deus”, soluçava ela, – e eu que pensei estar agora tudo resolvido, e em vez disso as preocupações estão apenas começando! Mas enfim o que você pensa acerca da maneira pela qual poderíamos solucionar todo este problema ?

– Bem, bastaria obedecer apenas ao Direito e à Justiça. Portanto observe: Caso Henrique van Dahlen não houvesse enterrado o tesouro, este seria herdado por

João van Dahlen que entretanto está morto. Como a herança de João van Dahlen coube à você e à Aída, tocando respectivamente a meação a cada uma, a exemplo do que se deu com a *fazenda*, então por consequência e da mesma forma o tesouro pertence à vocês duas, ou seja a metade dele para cada uma de vocês.

Lisbeth depois de um breve raciocínio, finalmente disse sacudindo sua cabeça:

– Sim, eu compreendo, entretanto há a condicional “se” que, no caso, é determinante. “Se”, Henrique van Dahlen não tivesse escondido o tesouro, então certamente agora nada mais existiria; e “se” João van Dahlen estivesse na posse deste dinheiro, sem dúvida não teria casado comigo e Aída jamais teria nascido. Estes são os motivos porque penso que deveríamos obedecer à vontade expressa na fala do “espírito” e portanto você deve-se considerar como o verdadeiro pai de Aída. A dívida com o Moreira poderá ser paga com os recursos do tesouro porque de qualquer maneira Aída será direta e indiretamente compensada pela operação, solvendo o débito, como antes já demonstrei.

Ouvindo as explicações do raciocínio desenvolvido por minha mulher e não concordando com o modo pelo qual dispunha dos bens, tornei-me teimoso. Foi uma tolice, mas nada pude fazer contra, porque sobreveio-me um maior ímpeto irrefreável do qual não me pude desvencilhar e nisso contrapus:

– Caso o tesouro pertença somente à Aída, então a liquidação da dívida com o Moreira configurará um “quase-furto”, uma espoliação daquele patrimônio, pois na realidade as dívidas recaem sobre a fazenda e esta pertence em partes iguais tanto a você quanto à Aída - você, Lisbeth, terá portanto as mesmas vantagens no pagamento das dívidas.

– Por Deus, é claro, concordou ela olhando-me algo desamparada, – mas, no futuro, Aída herdará a minha parte!

Precisei rir e isso até que foi bom. Pois caso contrário aconteceria que ainda nos desentenderíamos por causa dessa maldita história do tesouro e, sereno, propus antes de abraçá-la:

– Acho melhor deixarmos, por enquanto, a caixa repousar intacta lá no canto. Quem sabe mais tarde encontraremos uma solução apropriada. Teus conhecimentos sobre jurisprudência não são tão vastos, me perdoe por dizê-lo, porque caso se tratasse de alguém que viesse a herdar algo de você própria, Lisbeth, então Aída só receberia a metade da tua parte que é de cinquenta por cento da *fazenda*. A outra metade da tua atual participação, ou seja um quarto de toda a *fazenda*, caberia a mim e caso eu não mais existisse, meu quinhão reverteria em benefício de meu filho. Além de todas estas suposições, você ainda, em vida, poderia vender a tua parte e gastar o dinheiro - e com isso Aída nada mais herdaria de você e neste caso a venda da tua meação, de conformidade com a legislação, não configuraria qualquer esbulho dos bens dela.

Ah, sim ... Essas leis bobas. Como alguém igual a nós poderá tê-las na cabeça? Respondeu Lisbeth se achegando a mim.

– Mas tem razão, deixemos por enquanto o tesouro no seu canto, lá pelo menos não perturba nossa felicidade.....

E assim deixamos guardadas, por mais de um ano, as reluzentes moedas de ouro e prata, perdendo com isto considerável rendimento em juros. O valor do tesouro não era tão grande como alguns poderiam imaginar, todavia era possível estimá-lo como algo em torno de cento e cinquenta contos.

A partir de então vivemos na *fazenda* uma época de plena felicidade. O “espírito” não tornou a aparecer e se porventura meus pensamentos volviam ao tesouro e começasse a meditar sobre seu aproveitamento, então Lisbeth, logo desviava o assunto. As crianças desenvolviam-se com naturalidade e tanto Feliciano quanto Aída se amavam muito. Nas redondezas daquela paragem não havia qualquer escola, motivo porque contratei um professor particular para ministrar aulas, em casa, às duas crianças. Para aquele período essa providência tinha sido suficiente, porém, se fosse possível, Feliciano precisaria cursar ensino superior, e também Aída não deveria receber educação menos completa, a fim de que não se tornasse somente o estereótipo de uma *campônia* ⁽¹⁰⁾ estilizada. Pretendíamos fazê-la cursar por alguns anos algum pensionato para moças. Todavia com que meios conseguir isto, se a produção da *fazenda* era pouca e os salários dos empregados eram relativamente elevados, caso fossem comparados aos baixos preços de venda que alcançavam nossos produtos? A atividade que desenvolvíamos e pela maneira que a praticávamos, permitia exclusivamente vivermos com razoável conforto e pagar nada mais que os juros da dívida, nada sobrando para amortizar o empréstimo.

Como não houvesse qualquer perspectiva de aumentar a produção da *fazenda* ou de melhorá-la para obter maiores lucros que fossem capazes de custear uma melhor educação às crianças, ocorreu-nos novamente a idéia de lançar mão do tesouro. Ambos percebíamos que isso seria necessário, porém não chegávamos a entender-nos quanto à forma da sua utilização.

Lisbeth sempre se atinha ao seu plano inicial. Queria primeiramente usar do tesouro para liquidar as dívidas.

– Como eu deveria proceder para quitar o empréstimo ?- perguntei-lhe certo dia.

–Ora, disse ela um pouco melindrada – acho que não é tão difícil. Você simplesmente apanha o dinheiro da caixa e com ele paga o senhor Moreira.

– Ah, é? Seria realmente muito fácil. Mas o que vove imagina que diria o senhor Moreira se eu aparecesse por lá e tranqüilamente lhe derramasse na mesa um monte de moedas de ouro e prata ?

– O que diria ele ? - Ora ficaria contente! Redargüiu Lisbeth.

– Contente? - Contente certamente também ficaria, até demais, se lhe pagasse o empréstimo, principalmente se o fizesse em ouro e prata, pois creio que saiba não se observar mais circulando por aí moedas de ouro e mesmo as de prata são muito raras. Logo tiraria suas conclusões e gritaria exultante:

– Jansen, - você descobriu o tesouro !

– Você pensa assim? Indagou Lisbeth e, continuando considerou : – Realmente se assim fosse seria muito desagradável e não demoraria que a notícia se espalhasse. Melhor seria se ninguém soubesse de toda esta história.

– Seria melhor ? Não, absolutamente não seria só melhor. O público simplesmente *nada* poderá saber sobre o tesouro.

– Veja : caso a notícia da descoberta do tesouro se tornasse conhecida, implicaria fatalmente em que não demoraríamos a receber a visita da velha tia com suas reivindicações, seguida da Justiça com suas desmedidas contas de custas judiciais. Sim... e quem sabe lá quantos mais, além do Promotor Público que nos processaria por não termos comunicado o achado...

Lisbeth empalideceu e tapando os ouvidos com as palmas exclamou implorando: –Pára, pára! Não posso ouvir isto.

E assim deixamos que o tesouro permanecesse adormecido.

Passaram-se outros dois anos e o futuro das crianças nos preocupava sempre mais. Foi então que certo dia chegou-nos uma carta do senhor Moreira, cobrando-me a liquidação do empréstimo. O homem sofrera revezes comerciais que redundaram em grandes perdas e por isso precisava do dinheiro para encerrar seus negócios, pois pretendia transferir-se à cidade de Santos, onde possuía parentes.

– Agora não temos mais saída - precisamos lançar mão do tesouro, disse eu para Lisbeth quando li a carta para ela.

– E se descobrirem que foi do ouro e da prata que ...? Ia ela argüindo.

Mas eu interrompendo, objetivamente esclareci: – Agora já não há mais possibilidades de agirmos de outra maneira. Se bem que também já antes pudesse ter resolvido a questão mediante um artifício, mas afinal havia me comprometido a fornecer os produtos ao Moreira e desejei manter a palavra empenhada.

– Mas, enfim, qual a relação entre o fornecimento de mercadorias e o tesouro ? Não consigo atinar o que tenha a ver um com outro ? Inquiriu minha mulher.

– Muita coisa. Se a exclusividade do fornecimento de mercadorias ao Moreira não for mais devida, então os sacos de açúcar, farinha e semelhantes poderão ser negociados diretamente no mercado do Rio de Janeiro e, para tanto, eu viajaria na próxima oportunidade levando os produtos. Vou escrever hoje mesmo ao Moreira.

– Sim, até aqui compreendi, porém continuo sem encontrar a solução. E o que farias depois ? Perguntou-me curiosa.

– Ora, é muito simples. Poderia levar tranqüilamente o tesouro livre de suspeitas, e sem ser descoberto, nos sacos de açúcar e farinha até o Rio e lá, por ser uma cidade grande, onde ninguém se conhece, não seria difícil para mim trocar, em diferentes casas de câmbio, as moedas de ouro e prata por dinheiro. Feita a troca, depositaria o resultado num banco idôneo.

Lisbeth começou a entender. – Mas, disse ainda duvidando, – você, certamente não conseguirá enganar o senhor Moreira, alegando que por estes poucos sacos de farinha e açúcar obteve, lá no Rio, tanto dinheiro que deu para pagar a viagem e ainda a dívida contraída com ele ?.

– Fazê-lo crer numa alegação destas, não é em absoluto o meu propósito, respondi com superioridade. Escreverei ainda hoje ao senhor Moreira, dizendo que seguirei ao Rio para vender os produtos a um comerciante, meu conhecido do passado e do qual espero poder conseguir algum adiantamento, em dinheiro, sobre as futuras remessas.

– Com este pretexto realmente será possível fazê-lo acreditar, disse Lisbeth concordando, para logo a seguir, triste e quase chorando continuar :

– E eu? O que será de mim? – Quer que fique aqui sozinha com as crianças? Penalizado, levantei-me, e abraçando-a exclamei consolando:

– Não, não, naturalmente que não, vamos resolver tudo a contento e depois agir.

Com isso ela se tranqüilizou. Depois analisamos diligentemente todos os pormenores.

Nem podia imaginar Lisbeth sozinha na *Barra Morta*, achei que isto poderia ser até mesmo perigoso. Ela era apenas uma mulher frágil e a lembrança dos acontecimentos passados, não estando ainda por completo dissipada, sem dúvida despontaria na sua mente, abalando-lhe os nervos. Levá-la para a chácara em Santíssimo Sacramento seria muito difícil, pois além de ser uma pequena propriedade, nos últimos anos ficara muito abandonada. Além do mais, sua venda estava apalavrada e praticamente acertada em virtude de nunca ter imaginado que pudéssemos em qualquer tempo voltar para lá.

Repentinamente tive uma idéia e naturalmente era esta a única atitude acertada.

– Achei, Lisbeth! Encontrei a solução - exclamei contente.

Ela lançou-me um olhar atravessado e disse cheia de dúvida :

– Que é isto ! Tão depressa assim ?

– Poderemos resolver toda a questão de maneira muito simples. Você e as crianças irão para o Rio comigo!

Lisbeth, ouvindo aquela proposta tão radical, ficou muda - nesta hipótese nem pensara e nem depois de formulada podia supor como executá-la. Parecia nem

acreditar que eu estivesse falando sério e por isso precisei explicar-lhe tudo, por menorizadamente.

– Veja, comecei demonstrando, – ficar aqui você não poderá de maneira alguma. Sobre isto estamos de pleno acordo. Para a chácara em Santíssimo Sacramento também não poderá seguir, porque lá está tudo em defecção e arruinado, além disso a negociação do imóvel está prestes a ser ultimada. Embora me fosse possível cancelar a oferta – não deverei fazê-lo, pois necessito do dinheiro para a viagem ao Rio. Por outro lado sempre desejamos que as crianças saíssem daqui, indo para um centro maior a fim de estudar. Quanto à Aída não seria necessário que fosse diretamente para uma cidade como o Rio – para ela bastaria que encontrássemos, mais próximo, um instituto apropriado ao seu aperfeiçoamento. Contudo no que refere a Feliciano não existe a possibilidade de encontrar, no Estado, qualquer instituição superior para sua formação. E se ele pretende mesmo aprender algo mais substancial para seu futuro é melhor que se diga logo : “é imprescindível que se satisfaça logo a necessidade”, e assim ele seria matriculado num ginásio no Rio. E na metrópole Aída não ficaria para trás, pois além de tudo numa grande cidade a subsistência não pode ser mais cara do que em outro lugar. Conseqüentemente.....”

Lisbeth me interrompeu e atalhou:

– Até aqui tudo bem, mas o que você pensa sobre o futuro? Voltaremos para a *fazenda* ?

Com esta sua pergunta quem ficou queto e sem palavras fui eu.

– Naturalmente, respondi surpreso. – Ou você pensa que deveríamos... E nisso uma série de lucubrações passou por minha cabeça, fazendo-me arquitetar as mais diversas possibilidades para a resolver a questão. Dinheiro nós teríamos. Todavia era o dinheiro de Aída – se bem que enquanto ela não alcançasse a maioridade os juros poderiam ser nossos....

Lisbeth adivinhou meus pensamentos. – É, também logo pensei nisso, disse ela.

– Se as crianças precisarão ir ao Rio, talvez fosse melhor que nos mudássemos de vez para lá. Quanto à *fazenda*, *creio que* eventualmente encontraremos quem a arrende, e além do mais talvez você pudesse encontrar, no Rio, uma ocupação da qual pudéssemos viver. E se por acaso ficarmos apertados, então ainda teríamos o dinheiro de Aída...

Olhamos um para o outro, mas este não era um olhar de mútua compreensão como das outras vezes. Desta feita havia nele uma pequena interrogação. Era mesmo um tanto estranho, pois até aquele momento sempre sobrepujávamos qualquer fraqueza ou ambição quando aceitávamos pacificamente que o tesouro pertencia somente à Aída. E então, de um momento para outro, passamos a deliberar sobre o destino do dinheiro, contando eventualmente com ele, como uma garantia, para nosso futuro.

Compreendíamos que assim procedendo tudo fazíamos em favor de nossos filhos, pelo grande amor que lhes tínhamos. Muitas vezes conversáramos sobre aquele assunto, divagando que, cedo ou tarde, nos separaríamos deles pelo demorado tempo em que estivessem nalguma instituição de ensino, e agora que isto se transformava em realidade. Antes ficávamos acabrunhados diante da perspectiva de uma longa separação, além de abandonar a *fazenda* tão trabalhosamente reconstituída, e já então estávamos prestes a derrubar todos os princípios que até então haviam norteado nossas vidas.

Escrevi no mesmo dia ao senhor Moreira e também ao provável comprador da chácara, ao mesmo tempo em que, sem mais demora, começamos a fazer alguns preparativos para a viagem.

As respostas logo chegaram. O senhor Moreira aprovou minha decisão, esclarecendo que nem ele próprio, quando decidiu cobrar-me o empréstimo, podia imaginar de onde eu tiraria o dinheiro para solver o débito. E quanto à maneira proposta de fazê-lo mediante a venda de meus produtos no Rio, onde poderia obter com mais facilidade adiantamento em dinheiro, igualmente achou uma solução viável. O pretendente à compra da chácara não desistiu do negócio e prometeu efetuar o pagamento até a data da nossa partida.

Como nada mais nos detivesse, lançamo-nos a todo vapor nos arranjos para a viagem. Os engenhos de açúcar e de farinha trabalhavam dia e noite e a produção era armazenada em nossa casa onde eu próprio enchia os sacos e os costurava depois de colocar, em cada qual, uma caixinha cheia de moedas de ouro e prata.

Certo dia, depois de tudo devidamente disposto, partimos com toda a carga em nossas embarcações, além de mais duas fretadas, até Santíssimo Sacramento onde fizemos a baldeação dos fardos, diretamente para bordo de um navio costeiro...

(Continua na próxima edição!)

NOTAS DE FIM

(8) GOLÔNIA NA REGIÃO AO LADO : pela configuração hidrográfica descrita, poder-se-ia afirmár que trata-se da “Colônia Itajaí”, ou “Colônia Príncipe dom Pedro”- atual Brusque.

(9) RIO MENOR E SINUOSO : suposto rio Itajaí-mirim, que na época era navegável por lanchões até próximo a atual cidade de Brusque. O curso do Itajaí-mirim foi em grande parte retificado a partir de 1956, principalmente em seu percurso no município de Itajaí - notadamente na região da Canhanduva até o Limoeiro.

(10) CAMPÔNIA : Caipira. Consta no original alemão : “Landpommeranze”, expressão idiomática relativa a rusticidade cultural dos colonos e que geralmente, no passado, era atribuída pelos alemães ocidentais aos naturais da campanha pomerana, sita ao nordeste do império germânico. Caipira, jeca- tatu.

Verbetes para a História Catarinense

Por isto ou por aquilo... – Esquecidos!

Texto:

THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ *

BLUMENAU
em Cadernos

1. Carlos Ficker

Aquiesceu ser conselheiro de cultura do Estado de Santa Catarina. E o governador o nomeou: assumiria o mandato quando regressasse da Alemanha (sua Pátria) para a Joinville cidade onde era domiciliado e residente: faleceu antes de embarcar de volta.

Está na bibliografia catarinense com a **“História de Joinville – Subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca”** (2ª Edição em 1965) e **“São Bento do Sul – Subsídios para a sua história** (lançado na cidade do mesmo nome a 04.07.1973). Antes da sua competência de pesquisador ímpar e confiável não se tinha conhecimento sobre os Belgas no povoamento de Ilhota, SC.

O aparecimento de Carlos Ficker entre os interessados e competentes escritores do passado catarina, foi uma surpresa, um prêmio e uma dignidade. Ele reuniu a sensibilidade de pesquisador ao talento de esquematizar 447 páginas do passado catarina identificado como joinvilense. A **“Fundição Tupy S.A.”** responsável pelo concurso no qual a História de Joinville apareceu, praticando fomentação cultural específica, incluiu apresentar o escritor e o livro que o consagrou.

Hoje se tem duas ausências materiais ao se falar do escritor Carlos Ficker e do empresário Dieter Schmidt, na verdade patrimonial o referenciamento ilustra (sempre ilustra) uma vez que, a Morte não elimina tudo quanto a intelectualidade edifica e consagra. E consagrando imuniza da volubilidade da vontade humana.

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Cadeira nº 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

A História de Joinville, de Ficker, é versão sustentada em fontes insuspeitas e está no caldeirão onde a geografia da Babitonga dá as cores, o tempero e o sabor visual caracterizador: ali as etnias amalgamaram-se na olaria dos tempos. A “*Sociedade Colonizadora de 1849*” na trivalência de agência de negócios, atividade de oficina e laboratório, possibilitou aparecer com o topônimo Joinville o produto de muitos sonhos.

O livro de Ficker na sua edição de 1965 pelas prateleiras (de certo não tantas) com 34 anos, é dos necessitados de reedição; como o é também de Ciro Ehlke, “**A Conquista do Planalto Catarinense**” (1973) e do mesmo autor com autoria de Apolinário Ternes: “**Joinville 1851-1975**”.

E sem enfado e também presente entre os reclamantes insatisfeito, suponho que, entre os esquecidos está um que seria próprio que *existisse no Palácio do Governo para ser oferecido aos visitantes ilustres*: “**Questão de limites entre o Estado de Santa Catarina e o do Paraná**”, de Manoel da Silva Mafra. Como diz o autor é “Exposição Histórico-Jurídica por partes do Estado de Santa Catarina”. (O autor funcionou como advogado e era conselheiro imperial. A 1ª edição do livro é de 1899).

2. Maria Luiza muito copiada

“**O modelo catarinense de desenvolvimento**”, é subsídio de “Colonização e Indústria no Vale do Itajaí”. – Um e outro identificam o livro de Maria Luiza Renaux, (Edição da FURB, 1987) o qual tem numa orelha texto assinado pelo geógrafo Victor A. Peluso Junior (1909-1994) que começa assim: “*A Historiografia catarinense, com bases científicas, é enriquecida com a obra(...)*” – E mais adiante como se estivesse com o dedo indicador correndo a linha: “Sua afirmação é de que o **desenvolvimento da economia do Vale do Itajaí obedeceu a dinâmica própria**. Li e reli e nas deduções aconselhei-me com quem sabia de cor e salteado sob a composição do complexo catarinensista onde a criatura humana e a sua paisagem edificada apresenta ser original: *e esse sabedor mestre foi o próprio dr. Peluso*”.

Faz uma dúzia de anos que tenho este livro ao alcance dos olhos e ao alcance da mão: disse-me ele em 1987 que, ser uma **blumenauensidade** a tecitura da economia que apresentou aos catarinas o produto rural que pelos Brasis além fronteiras foi chamado de “**alemão numa paisagem humana européia**”: *dois equívocos ou admitindo enjôo, duas asneiras*. – Nenhum europeu e a etnia não importa, foi imune ao processo de assimilação. (E so-

bre tal processo o sábio alemão Emílio Willems, Ph.D. ensina) – Todo europeu é humano e sendo está sujeito às pressões da Geografia: o caldeirão misturador tem potencialidades, que, admitamos só Deus sabe e coordena.

Nós os leitores de **“Casa Grande e Senzala”** (Gilberto Freyre, 1ª Ed. 1933) e ser como somos convividos em latifúndio canavieiro de cara e de juízo anotamos que a economia da policultura do produtor rural do Vale do Itajaí, não foi copiada e sim instrumentada pelo gerenciamento original desde os primeiros 17 colonos: foram arregimentados numa finalidade como fosse essa a arte final do povoamento do Vale do Itajaí. Quem instruiu tal anotação foi comparações com os insucessos doutras colonizações germânicas no território brasileiro.

O Dr. Blumenau funcionando como colonizador não copiou nem foi copiado. E o livro de Maria Luiza Renaux nos ofereceu uma sustentação responsável e autorizada para prosseguir pensando assim e sem revisão de qualificar o Dr. Blumenau como **“um alemão brasileiroíssimo”**. Neste raciocínio aceito como atual a recomendação do geógrafo Victor Peluso (o de tantas lições esclarecedoras) **“Os estudiosos da realidade catarinense encontrarão, na obra muitos tópicos para reflexão”**.

Encontrarão e se quiserem acrescentarão as resultantes oriundas das duas **grandes guerras**: (1) A de 1914-1918; (2) A de 1939-1945. Como acontecimentos nacionais e internacionais e pressionadores esforço anormal ativaram às mudanças urbanizadoras. E estas levaram o agricultor jovem para as atividades urbanas e na área rural ficaram os avizinados da terceira idade.

Com as influências de programas mudancistas conveniados entre o Brasil e os EUA: “Aliança para o Progresso” e “Ponto IV”, apareceu na direção do produtor rural o “Projeto 17” consolidado depois em a “ACA-RESC” (Associação de Crédito e Assistência do Estado de Santa Catarina). Corria o ano de 1957 e a família rural contava com a metodologia da **extensão rural** e esta atuou no princípio estruturador da paisagem humana: atividade agrícola enraizada na área territorial por germânicos de 1850 a 1875, e com a presença e atividades de italianos e outros de 1875 para frente (Veja os livros: FINARDI, Colonização Italiana de Ascurra (1976) V. VICENZI, História de Rio dos Cedros (1975) PIAZZA, A colonização italiana em Santa Catarina (1976). A Extensão rural e o seu cliente avizinado da terceira idade, é o assunto para outra conversa. Entretanto os da cúpula da ACA-RESC, os engenheiros agrônomos Glauco Olinger e Christovão de A. Fran-

co aceitavam e praticavam a atuação de revitalização da agricultura familiar tradicionalizada. Esta fazendo uso da agronomia baseada na pesquisa e zootecnia mais avançada, principalmente, na produção leiteira; a sensibilidade associativista desse produtor mereceu destaque.

Em resumo: a “ACARESC” atuou assistindo pedagogicamente, para atualizar o agricultor, injetando nele uma preocupação programada por produtividade; e agricultar com satisfação estimulante no lar e no trabalho. – Tudo sem dispensar o que era uma blumenauensidade. Que, sem ser exagero para mais ou para menos, é da unidade titulada por Maria Luiza Renaux como **“O Modelo Catarinense de Desenvolvimento”**.

Este modelo foi bem visível nos tempos da 2ª Guerra Mundial. Todavia com pontas em 1850 (Blumenau), 1851(Joinville), 1860(Brusque). Destes fomos testemunhas a partir de 1939. Para outras reflexões desta ou de outra ordem fica ao dispor o censo que o Dr. Blumenau elaborou e **Max Tavares D’Amaral** reproduziu in “Contribuição à História da Colonização Alemã no Vale do Itajaí”:

De acordo com um levantamento feito pelo Dr. Blumenau, distribuíam-se a população da Colônia, em 1870 pela seguinte área colonizada:

Margem direita do Itajaí e vales adjacentes:

Blumenau (centro urbano)	556 colonos	108 famílias
Bom Retiro (ribeirão-hoje bairro fabril)	46	7
Garcia (ribeirão-margem direita)	268	45
Garcia (ribeirão-margem esquerda)	131	25
Jordão (afluente do Garcia)	35	7
Caeté (afluente do Garcia)	31	8
Itajaí (rio-fora do centro urbano)	773	157
Encano (ribeirão-margem direita)	133	33
Encano (ribeirão-margem esquerda)	122	31
Indaial (localidade)	34	9
Passo Manso (Vale do Itajaí)	24	4
Weissbach (Vale do Itajaí)	36	11
Warnow (ribeirão-margem direita)	60	16
Warnow (ribeirão-margem esquerda)	67	15
Ilse (ribeirão)	40	11
Gaspar (Vale do Itajaí)	533	68

Margem esquerda do Itajaí e Vales adjacentes:

Itajaí (da Ponta Aguda até a confluência do Mulde)	675 colonos	132 famílias
Testo (rio-margem direita)	539	114
Testo (rio-margem esquerda)	566	116
Badenfurt (localidade-barra do rio Testo)	30	8
Itoupava (ribeirão-margem direita)	337	79
Itoupava (ribeirão-margem esquerda)	202	35
Benedito (margem direita)	196	47
Benedito (margem esquerda)	146	37
Cedro (rio-margem direita)	39	11
Cedro (rio-margem esquerda)	82	20
Timbó (localidade)	30	9
Mulde	264	66

A população orçava pelos 6.000 habitantes, ou mais exatamente, representava 5.982 almas, disseminadas por toda a zona do Vale do Itajaí já explorada e se concentrava, observação interessante, não no vale principal, mas nos adjacentes, formados pelos ribeirões e rios confluentes do Itajaí-Açu, demonstrando a vocação pioneira do imigrante que buscava de preferência os pontos mais distantes para desbravá-los.

Bibliografia de apoio:

EMÍLIO WILLEMS, Ph.D., Aculturação do

Autores Catarinenses

- O Vale do Iguaçu

Texto:

ENÉAS
ATHANÁZIO*

BLUMENAU
em Cadernos

O saudoso Prof. Alvir Riesemberg, médico e historiador, membro da Academia de Letras do Paraná, foi um aplicado estudioso do Vale do Iguaçu, região em parte comum aos Estados de Santa Catarina e do Paraná. Dessas pesquisas, afora ensaios esparsos, ficaram dois livros: “A Instalação Humana no Vale do Iguaçu” (1973) e “Nhá Marica, Minha Avó” (1976), trabalhos destacados da ensaística local. Este último, um exemplar estudo de aculturação, mereceria um comentário especial, mas é ao primeiro, pelos múltiplos e interessantes aspectos que focaliza, que estou voltando aqui minha atenção.

Homem de visão, conseguiu o autor enfrentar com segurança e beleza de estilo os diversos temas tratados, desde a conformação geográfica, que fica nítida diante do leitor, até problemas históricos, econômicos, sociais e políticos da vasta região influenciada pela caudal do rio Iguaçu e seus afluentes. A aridez tão comum em obras desse tipo consegue ser afastada, embora se observe, em algumas passagens, um certo bairrismo ufanista que não chega, felizmente, a comprometer o valor do trabalho.

Ele começa por um conspecto geográfico onde descreve com exatidão o vale pelo qual o rio majestoso rola suas águas. Impressiona a fidelidade do narrativo, que nunca foge ao científico, tal a gama de informações que transmite. Empreende depois um resumo histórico, desde as remotas expedições de Francisco de Chaves e do *adelantado* espanhol D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, para chegar ao povoamento através das

* Escritor e advogado.

posses e da colonização efetiva pelos dois grandes eixos: a navegação pelo Iguaçu e a estrada de Palmas.

A navegação fluvial, a mais fascinante parte do livro, tem início a 17 de dezembro de 1882, data que o Amazonas de Araújo Marcondes inaugura o transporte a vapor, lançando às águas do grande rio o vapor “Cruzeiro”. O desenvolvimento dessa navegação, com o florescimento das vilas ribeirinhas, o registro minucioso de todo o trecho navegável e a importância da erva-mate na economia regional são estudados de vários ângulos e sempre calcados em fartos elementos de informação e pesquisa, inclusive depoimentos e vasta bibliografia.

A colonização européia mereceu a análise mais profunda. Mostrou o autor o encontro das culturas *eslava* e *cabocla*, com as recíprocas interações. Enquanto os colonos, na maioria precedentes do Reino da Polônia e de Poznan, não tinham qualquer tradição como agricultores e foram distribuídos em lotes de pequenas proporções, os brasileiros desfrutavam da amplidão das posses, o que propiciou diferentes formas de comportamento.

Entre os nacionais vigorava um regime patriarcal, com a família em torno do chefe, por isso inclinado ao “mandonismo político”. Com os europeus, a separação das famílias se impunha pela exigüidade do espaço, com a conseqüente conservação da personalidade e maior ligação com a vizinhança em virtude da proximidade. As pequenas dimensões de seus lotes levam ao rápido exaurimento das terras, sem condições de recomposição, sobrevivendo o declínio da agricultura. A influência eslava é acentuadamente menor que em outras regiões colonizadas por europeus. Impõe uma certa melhoria de casa cabocla e da dieta, influencia nos nomes das pessoas e introduz palavras no linguajar corrente.

Conhecedor da região e dono de agudo senso de observação, o autor põe a nu os erros do passado em razão dos quais a colonização européia do Vale do Iguaçu não correspondeu à expectativa. O minifúndio estabelecido, sem base na capacidade das terras, o deslocamento de braços da lavoura para outros misteres e a devastação sistemática das florestas são algumas causas do insucesso. Os colonos, na verdade, foram as grandes vítimas.

Motivado pela leitura desses trabalhos do saudoso professor e amigo, com quem privei mais freqüentemente no final de sua existência, decidi rever boa parte da “região polonesa” de ambos os Estados, que não

visitava desde os tempos de ginásio. Partindo de Porto União da Vitória, a maior cidade do Vale, também ela meio catarinense e meio paranaense, tomei a rodovia Transbrasiliana em direção a Fluiópolis, nas proximidades de São Mateus do Sul, onde se acha a Usina de Xisto, da Petrobrás. Fluiópolis, importante porto fluvial do tempo da colonização e que merece inúmeras referências do ensaísta, não conserva vestígio do progresso de outrora. As terras arenosas desgastadas, o declínio da erva-mate, as reservas florestais consumidas, a estagnação do porto em virtude da ausência de vapores provocaram a morte da vila e dela mais nada existe, exceto algumas árvores antigas e a igrejinha construída no mesmo local da anterior, testemunhando em silêncio o passado.

As cidades em geral, de um e outro lado, inclusive Dorizon, que mereceu excelente estudo de Miguel Wouk, curiosa comunidade ucraniana e que possui famosas águas, apresentam o mesmo aspecto modorrento. A impressão da terra despovoada é compensada pela paisagem de um verde vivo e muita água. Pelas estradinhas de poeira branquicenta ainda circulam carroções, alguns deles com aquele toldo arredondado de lona e em toda parte se avistam mulheres com seus tradicionais lenços brancos nas cabeças. Esses aspectos, e às vezes, um sotaque carregado lembram a origem desta gente tão boa, com a qual muito convivi, e que para ali veio em busca de melhor destino.

Não desacreditava o Prof. Riesemberg das possibilidades da região. Seu livro é uma demonstração de que a pesquisa do passado, com os dados da ciência e uma interpretação crítica, poderão evitar a reincidência nos erros cometidos. Essa a grande mensagem de seu livro.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1999** (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hering Têxtil S/A

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XL
Agosto de 1999 - Nº 08

